

CASA DO POETA BRASILEIRO EM SALVADOR POEBRAS SALVADOR



2003

NÚMERO 5

Editor – João Justiniano da Fonseca

Falta alguém que lidere o mundo, aposse-se de todas as armas morais e espirituais de todas as religiões, de Moisés a Cristo, de Maomé a Buda e quantas mais existam, comande-as para uma guerra de destruição à guerra. E essa maldita seja abolida da face da terra para o sempre do sempre. Assim se faça com a violência e o crime de toda espécie.

CASA DO POETA BRASILEIRO EM SALVADOR

Diretoria:

Presidente – João Justiniano da Fonseca

Vice-presidente – Zínia de Araújo Góes

Secretária – Pérola Bensabath

Diretora de Biblioteca – Conceição Affonso de Carvalho

Diretor de Intercâmbio Cultural – Oswaldo Francisco Martins

Diretor de Eventos – José Pedro Machado

Conselho Fiscal:

Nilson Petronilo de Sousa

Antônio Nunes de Almeida

Milton Costa

Coordenador dos concursos:

Oswaldo Francisco Martins

Comissão Julgadora:

a) II Concurso Intercolar da Bahia:

Juliana Soledade, mestre, doutorando pela UFBA, prof^a de Língua Portuguesa das Faculdades Jorge Amado; Simone da Silva Guerreiro, mestre, doutorando pela UFBA, escritora; Cristiane Souza Dutra, mestre, prof^a de Língua Portuguesa das Faculdades Jorge Amado.

b) IV Concurso Nacional de Poesia:

Sebastião Marques; escritor, poeta, professor das FJA;

Jane Lemos, poeta, funcionária da Egba;

Goulart Gomes, escritor, poeta, funcionário da Petrobrás.

Patrono perpétuo – Castro Alves

Patrono de honra – Virgílio José de Almeida

Patrono de gestão - Rodolfo Coelho Cavalcante

SUMÁRIO

Página de Abertura

O Poetrix em Discussão – Oswaldo Francisco Martins

Saudade

Notícias

Convidada

II Concurso Interescolar

IV Concurso Nacional de Poesia

Gente da Casa

João Justiniano da Fonseca e Célia Lamounier de Araújo

Conceição Affonso de Carvalho

Edithe Marlene de Barros

Ester da Silva Vasconcelos

Ester Leonor Magalhães Ferreira

Eloísa Antunes Maciel

Heloísa Pinto Freitas Vieira Graddi

Ilda Maria Costa Brasil

Ilma Fontes

Ione Jaeger

Iraídes Andrade

Ivanise Mantovani

Ivone Celistre

João Bosco de Castro

Joaquim Moncks

José Moreira da Silva

Lucas Cozza Bruno

Mara Carvalho Leite

Maria Amélia Gonçalves Hillal

Maria Tereza Trindade Cardoso

Mário Belmiro Barbosa

Milton Costa

Nelson Fachinelli

Newton Meyer Azevedo

Nilson Petronilo de Sousa

Nunes de Almeida

Oswaldo Francisco Martins

Paulo César de Almeida

Pérola Bensaabath

Rafael Braga Pinto

Rinalda Lima

Schyrléi Vlasta Scoralick Pinheiros

Tânia Borges

Thiele Abud Dias

Valdevino Neves Paiva

Vanessa Menezes Burgeño

Zínia de Araújo Góes

Patronos

PÁGINA DE ABERTURA

Estamos no quinto número. Dificuldades à parte, à parte a pobreza da apresentação, nossa revista sobreviveu nestes cinco anos e sonha continuar. Humilde e teimosamente sobreviveu. Sem patrocínio ou divulgação promocional que ajudem no custeio, vem sendo custeada pelos participantes. E vale ser lembrado que há bastante matéria sem assinatura, e, assim, não paga. Por exemplo os autores premiados até o terceiro lugar. As páginas de rosto e fecho, as de homenagem e as dos patronos. As notícias. Outras. É uma revista, não uma coletânea de autores e, como tal, há de ser diversificada, assim pensamos. Daí, a matéria não paga, que se soma a esta e a gente assume. .

No próximo ano teremos nova Diretoria. Nossa esperança é que, seja qual for a nova equipe, esta manterá nossa revista. É um órgão de divulgação dos autores da POEBRAS. Começou sendo dos autores da POEBRAS SALVADOR. Este número, por iniciativa da Direção Nacional, na pessoa do Coordenador Joaquim Moncks e com o seu apoio logístico, incorpora os sócios da POEBRAS a nível nacional que julgaram bem participar. A intenção da Direção Nacional e a nossa é a de que assim continuará a partir daqui, sempre com maior número de participantes.

Houve uma longa demora na edição deste número. Temos lançado a revista desde o seu primeiro número, na semana de Castro Alves, Patrono da Casa. Uma penetração de vírus no meu computador queimou todo o material trabalhado, quando já se estava em fase de conclusão. Em muitos casos tivemos de apelar para os sócios, pedindo nova remessa de seu texto. Também o resultado do concurso demorou. Visando a oferecer maior prazo aos participantes, fixamos a data de 31 de dezembro como final. A partir daí o trabalho de catalogação e julgamento.

Foram 116 participantes no concurso nacional. Material em regra muito bom. E a Comissão Julgadora teve que avaliar poema a poema, confrontar as três notas, desempatar.

No concurso interescolar a concorrência foi pequena, menos de 30 participantes. Na verdade, já no seu segundo ano, não emplacou. Mais pela falta de divulgação, que desinteresse dos jovens. Chegaremos lá.

O POETRIX EM DISCUSSÃO

Por Oswaldo Francisco Martins

O grupo de discussão do poetriz definiu o terceto goulartiano como um poema titulado de uma única estrofe, com o máximo de 30 sílabas métricas. Tudo ocorrera em 2003, via internet, no espaço denominado de Críticapoetriz, após exaustivo processo de troca de opiniões entre significativa parcela dos poetriztas ligados ao MIP – Movimento Internacional Poetriz. Para elucidação do ora exposto, este escritor expõe uma breve amostra de 4 poetriz de sua singela lavra:

RATOS DO ALHEIO

Bichos traçam mentes,
Frentes fazem contra corretos...
Jamais foram retos!

CONSANGÜINIDADE

Haicai, dito pai,
Sai também usando título...
Poetriz-discípulo!

SERIEDADE

Todo embate sério
Mistério não pode ter...
Deve ético ser!

DISFARCE

Falsidade tem
Quem simula mansidão:
Falto coração.

Independentemente do pensamento acatado e oficializado pelo grupo de discussão do terceto, este poetrizta posiciona-se favorável à restrição limitadora do uso máximo de 14 sílabas métricas por verso no trístico goulartiano, numa preocupação própria, entretanto clara quanto à manutenção da unicidade do poetriz quer na forma escrita (com o uso de vocábulos) ou quando da declamação do trístico (recitado em saraus), assim escrevendo-se e assim declamando-se os mesmos versos, o mesmo poema: igual número de versos, igual número de sílabas métricas por verso, igual ritmo, igual cadência. Trata-se, portanto, de uma visão certa que diz respeito à capacidade respiratória dos pulmões sadios de um ser humano normal, em consonância à observação experimentada pela bioestatística. Tem-se, pois, que tal restrição constitui uma limitante barreira de cunho estritamente ontológico, não se podendo ignorá-la por vontade própria ou mesmo coletiva, esta última através da coleta de opiniões ou votos,

simplesmente. Todavia, o grupo de discussão do poetriz não concorda com a dita restrição, pela maioria opinante sobre o tema, tudo em modo estritamente democrático. OFM, entanto, convicto do fato racional e científico antes exposto, continua a mantê-lo nos inúmeros poetriz-frutos de sua pena, não abrindo mão de seu pensamento próprio, mas certamente não original, posto ser compartilhado por outros poetriztas. Em decorrência da dita posição assumida, OFM acredita ainda que o número máximo de quarenta e duas sílabas poéticas para o poetriz deveria ser o batente ontológico imposto ao poetrizta.

Outra discordância de OFM foca as formas múltiplas do terceto goulartiano: o duplix, o triplix e o multiplix. Aqui, não abre mão da individualidade ou da singularidade do terceto de Goulart, entendendo que a composição das formas duplix, triplix e multiplix necessite caminhar dentro das regras mínimas do poetriz, de modo que o poema-produto, nas formas citadas antes, guarde as mesmas definições e conseqüentes restrições do poetriz. Por conseguinte, a junção de dois poetriz na composição de novo terceto, trístico-filho, deve implicar no nascimento de um poetriz ou do contrário proceder-se-á a saída ou a fuga das fronteiras poetrizticas, estas individualizadoras da arte minimalista dos poetas afeitos ao já universalizado poetriz, gerando-se ou criando-se poesias que em nada se parecem com a novíssima arte ou simplesmente a descaracterizem. Pense-se como seria estranho e até comprometedor se um casal de seres humanos pudessem ter como filho um cachorro, concebido e parido nos moldes que todos nós bem sabemos!

Apesar de a prática das formas múltiplas ser a responsável pela aproximação entre os poetriztas nos quatro cantos do mundo, os frutos desse convívio – principalmente internáutico, denominados n-plix, ainda precisam ser poemas que caracterizem o legítimo poetriz, fortalecendo a novíssima linguagem poética, gerando semelhantes crias dentro do vasto e variado universo poetriztico.

Nos criadores das formas múltiplas, Pedro Cardoso e Tê Soares, respeitados poetas e excelentes poetriztas, repousa a possibilidade de mudar as definições das mesmas e, em especial, rever o fruto n-plix, puxando-o ou restringindo-o ao mundo do poetriz e, assim, exigindo que o novo produto seja, de fato, um legítimo poetriz e nunca o admitindo como um trístico qualquer, posto que para composição de outras formas de poemas o verzejador já sabe tudo!... Para se ter um filhote de gato basta um casal de felinos reprodutores!

Um outro policiamento na composição poetriztica, e talvez aí repouse simplesmente um melhoramento na forma ou na estética do título que está escrito acima dos três versos. Para tanto, um princípio norteia OFM: a arte em que o poetriz está contido é a minimalista, daí dever-se usar minimamente as palavras – até mesmo quando da confecção do título! Entretanto, sabe-se que escritor algum é perfeito e nem sempre a pressa ou a irrequietude do moderno vate, quase sempre multiagendado em várias atividades, com naturezas diferentes, sofre de falta de tempo para o rigor ora proposto e, por conseguinte, falhas haverá sempre de ser identificadas na composição em poetriz.

É mister frisar que o MIP vem empreendendo uma aprofundada discussão entre os sócios para melhor definir as fronteiras desta novíssima linguagem literária. Para tanto se embrenha num estudo de fundamentos do poetriz, de modo longo e difícil. Talvez, um dia – quem sabe? – os atuais poetriztas reconheçam a necessidade de revisar os titulados tercetos já escritos e publicados, depois de concluídas as discussões no grupo de poetriztas: Criticapoetriz... Sim, mas o porvir a Deus pertence!...

SAUDADE

O tempo é maior do que a gente, infinitamente maior. A vida é infinitamente maior do que o homem. E há tempo e há vida para viver e produzir, para amar e ser feliz, para sofrer, para morrer, para passar à eternidade.

Cada um de nós tem o seu dia e a sua vez, a sua oportunidade de ser e deixar de ser. A despedida dói. Mas acontece, tem de acontecer.

A gente está aqui trabalhando, preocupado em fazer tudo na ordem, realizar, atender a amigos, solucionar problemas, apressado, que nem se lembra...

Plu! Chegou a hora! Vem de surpresa, sem que se espere nem queira... Chegou a hora! Fica tudo aí. E o que se pode dizer de melhor é que a sucessão do tempo supre as falhas e faz continuar a jornada de trabalho e de preocupações, nos sucessores dos que se despedem.

Esta é uma página de dor e sofrimento, de pranto, de saudade. Peço perdão do meu pranto, na minha idade o homem pode chorar sem se sentir envergonhado.

Neste dois mil e três perdemos o nosso doce e querido Virgílio José de Almeida, Patrono de Honra da Casa. Pequeninha glória de autor de vila, simples poeta sem mídia e assim, sem brilho de estrela. Extraordinário poeta, amigo simples e bom, humilde, sempre dizendo sim à vida e aos confrades, às pessoas com quem conviveu. Noventa e três anos. Será lembrado de nós, os seus confrades em cujos ouvidos continua vibrando sua voz na declamação dos belos poemas, dos maviosos sonetos, das trovas trasbordantes de lirismo com que nos brindava em nossos encontros intelectuais.

Vem de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro, outra notícia de pesar e saudade: A poetisa Aládia Pereira de Almeida Anacleto se despede já ao apagar das luzes do ano. Por excelência amiga e associativa, estava rigorosamente presente às instituições culturais que integrava. Não tive a glória de conhecê-la pessoalmente. Desde 1998, quando reestruturamos a POBEBRAS SALVADOR, associou-se a nós e esteve presente a esta publicação com os seus sonoros e belos sonetos.

Há tempo para ser e para deixar de ser, para viver e deixar de viver. Assim é, meu Deus, assim seja. Não era intelectual, era meu irmão e colaborador além de ter sido leitor de tudo quanto escrevi, meu apoio nas consultas e nas pesquisas, minha memória viva. Tudo de que não me lembrava do passado e dos nossos antepassados, de nossas passagens de adolescência, estava na sua lembrança prodigiosa. Mais velho de que eu apenas três anos, lá se foi Antônio Justiniano da Fonseca. Há tanta lembrança bonita...

Vamos lá, meu Deus, vamos lá. Um a um, contigo estaremos. Sem pressa por favor, sem pressa!

NOTÍCIAS

POEBRAS EM TORRES.(Transcrito da Revista Ler & Cia, de Torres, RS, nº 24) “Em visita à redação da revista Ler & Cia e Studio-N, onde concederam entrevista ao Programa Frente a Frente da Rádio Maristela, os renomados poetas Nelson Fachinelli, Presidente da Casa do Poeta Riograndense e Coordenador da Casa do Poeta Brasileiro – POEBRAS e Joaquim Moncks, elogiaram a Revista Ler & Cia e falaram do objetivo de se criar em Torres uma sede da Casa do Poeta Brasileiro, que envolveria não apenas poetas, mas escritores, artistas plásticos, atores, músicos, compositores, radialistas, jornalistas e todos aqueles envolvidos com a cultura”.

* * *

No dia 29 de março de 2003, noticia o JORNAL DO MAR, também de Torres, empossou-se solenemente, sob a presidência do poeta Nelson Fachinelli, a Comissão de Instalação da Casa do Poeta Brasileiro em Torres, constituída dos intelectuais José Nilson Teixeira, radialista; Nelson Adams Filho, jornalista; Nelson Saraiva Peres, radialista e publicitário e Vera Prates, arquiteta e apoiadora do projeto.

* * *

Com o brilho e a grandeza cultural que caracteriza o evento desde a sua primeira edição, realizou-se em outubro findo, na cidade serrana de Bento Gonçalves, RS, o XI Congresso Brasileiro de Poesia e XI Encontro Latino-americano de Casas do Poeta. O anfitrião, Ademir Bacca movendo-se de um lado para o outro como sempre no seu proverbial dinamismo na coordenação dos trabalhos. A POEBRAS SALVADOR esteve representada pela doce amiga, jornalista Perpétua Flores. No ensejo assumiu, em bonita solenidade, o cargo de Presidente da Casa do Poeta Brasileiro, poeta Joaquim Moncks. O atual dirigente exerceu a Consultoria Jurídica da POEBRAS Nacional desde o 2º Congresso Brasileiro de Poesia, realizado em Nova Prata em 1991.

* * *

Dia 27 de março de 2004, foi empossado na Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, de Porto Alegre, o escritor João Justiniano da Fonseca, que, a seguir, recebeu a honrosa homenagem de um jantar promovido pelos intelectuais gaúchos, gente de seu coração. A posse ocorreu no Plenário da Câmara de Vereadores de Porto Alegre e o jantar no Cyte Hotel. Estiveram representadas, ao lado dos membros da Academia Castro Alves, brilhantemente dirigida pela presidente, acadêmica Glory Eichenberg, as seguintes instituições culturais: Casa do Poeta Riograndense, representada pelo presidente, acadêmico Nelson Fachinelli; Casa do Poeta Brasileiro (POEBRAS), representada pelo presidente, acadêmico Joaquim Moncks; Academia Riograndense de Letras, da qual é acadêmico correspondente na Bahia, representada pelo presidente,

acadêmico Irmão Elvo Clemente; Academia Literária Gaúcha, representada pelo presidente, acadêmico José Moreira da Silva; Academia de Artes, Ciências e Letras Mário Quintana, representada pela presidente Maria Teresa Cardoso; Academia Canoense de Letras, representada pelo presidente, acadêmico Nemésio Meireles; Casa do Poeta de Esteio, representada pela poetisa Esther Fujisawa; Pantheon Literário, representado pelo secretário, Cláudio Pinto de Sá; Estância da Poesia Crioula, representada pelo presidente Sérgio Laforet Padilha; Grêmio Literário Castro Alves, representado pelo presidente Amir Benedetti; e o Grupo Arte Luz de Santo Antônio da Patrulha, representado pela sua presidente Gecy Luz e poetisa Mara Carvalho. Na cerimônia de posse o novo acadêmico foi recebido pelo confrade Nelson Fachinelli e em seguida, quebrada a etiqueta numa simpática manifestação de carinho, ouviu palavras de afeto que lhe embaçaram os olhos. No jantar a palavra de recepção foi da confeitira Maria Tereza Cardoso, seguindo-se, como no ato da posse, palavras carinhosas de seus muitos amigos.

Resumimos a seguir a palavra do jornalista Cláudio Pinto de Sá, em sua coluna CHASQUE DA CULTURA, publicada em A "FOLHA DE PALMARES", de Palmares do Sul, RS e municípios da região do Litoral Norte do Estado na crônica intitulada, o título - A I L H A:

“Cada um de nós, em algum momento da vida...já deve ter dito expressão do tipo: “gostaria de estar numa ilha deserta”... Pois, outro não foi o sentimento que tivemos, eu e minha esposa, na noite de 27 de março/2004, quando participamos da recepção e homenagem ao poeta João Justiniano da Fonseca. O evento, que contou com a presença de dezenas de representantes de entidades culturais, foi efetivado nas dependências do restaurante do City Hotel, em Porto Alegre, sendo a comissão organizadora composta por Joaquim Moncks, José Moreira da Silva, David Camargo e Maria Tereza Cardoso. À tarde, aquele octogenário poeta baiano havia sido empossado na cadeira n.º 1 da Academia de Artes, Ciências e Letras Castro Alves, de Porto Alegre, tendo por patrono o poeta baiano Antônio Frederico de Castro Alves. Após o jantar, seguiu-se um sarau poético. Todo aquele grupo, composto por uma heterogeneidade artística, cultural e etária, pareceu ter aportado numa ilha de ternura, enlevo e calma, se considerarmos os mares tenebrosos dos dias atuais. É isso, as tais ilhas existem; basta que saibamos não somente as descobrir mas, acima de tudo, desfrutá-las condignamente. É feliz, quem consegue aportar a estes momentos. Procura uma ilha, e terá boas viagens em tua existência”.

Convidada

MARCELA FONSECA PEREIRA, nascida em 13 de dezembro de 1991, filha de Marcos Antônio Pereira e Maria do Socorro de Almeida Fonseca Pereira. Aluna da 5ª série fundamental do Instituto Social da Bahia. Aos dez anos, cursando a 4ª série, participou do concurso Literário ISBA 2002 – XI Palavra Vida, obtendo a publicação do poema VIDA, que a seguir reeditamos, orgulhosos da sobrinha-neta.

PAZ

A paz é o que há de mais lindo
Não tem nada melhor que ver pessoas rindo
E se divertindo
Paz se resume em calma, tranquilidade, amor e justiça
Paz é harmonia
Paz é alegria
A paz é muito bela
Mas será que o homem vive em paz?
Com tantas guerras onde está a paz?
Quanto bem ela me faz!
E já não a temos mais!
Para a paz prevalecer,
Precisa tê-la dentro de você
E para isso basta fazer boas ações
E logo ela entrará em todos os corações.

VIDA

Quantas coisas nos esconde
Este mundo tão grande.
Esta vida é uma caixa de surpresas,
Como diz minha irmã Teresa.
Ela adora o mar,
Eu gosto de respirar um puro ar.
Não há nada melhor do que viver,
Mas a vida também é sofrer.
Eu adoro flores e também as suas cores.
Amo os animais e todas as belezas naturais.
E assim vou vivendo,
Aproveitando a vida e
agradecendo.

II CONCURSO INTERESCOLAR

1º LUGAR

JOSÉ AÉCIO DE SOUZA - Democrático Estadual Edgard Santos, 2º ano
R. Alto da Saudade, Sátiro Dias – BA. Tel. (75) 446-2276

CONSCIÊNCIA PROFUNDA

Beijo pouco, falo menos ainda
Mas sinto bem profundo
Todas as dores do mundo.
Só com poemas não consigo tocar
A consciência da sociedade.
Leio, penso, choro, arreio-me
Com a fome,
Com as guerras,
Com a aids,
Com a violência,
Com as dores do mundo.
Tento ver o verde da vida,
As flores que ainda vão desabrochar,
O sorriso puro das crianças.
A vida é como uma metáfora
Na qual a consciência é...
Um botão de rosa
Que irá desabrochar,
Um grão de areia
Que em sua pequenez
Esconde a grandeza dos mistérios de sua existência.
Eu busco a consciência do mundo
Deste mundo de meu Deus
Onde se pede:
“Paz e amor”.
“Confiai-vos uns nos outros”.
Mas ninguém tem consciência
Do sofrimento que causa nos outros.
Eu filósofo, poeta, louco,
De tudo isso nós humanos temos um pouco.

2º LUGAR

DEOGRÁCIA MARIA DE JESUS. Colégio Polivalente de Alagoinhas, 2º ano. Rua Dias D'Ávila nº 200, Barreiro de Cima, Alagoinhas - BA
Tel. (75) 423-3655

LARANJA BRASILEIRA

Lá vai o menino, de pele macia,
que acorda de dia para trabalhar.
Criança sofrida, de perna ferida,
e muita entanguida, de tanto andar.
Descendo a ladeira, sem eira-nem-beira,
com a cesta bem cheia, para carregar.
- Meu nome é Buiú, não vendo umbu,
só vendo laranja para a laranjada.
A minha laranja é da laranjeira,
não vendo em mercado, só vendo na feira.
- Não posso estudar, nem posso brincar,
só desço a ladeira, sem eira-nem-beira,
com a cesta bem cheia, para carregar;
de corpo fininho, assim bem magrinho,
sigo meu caminho, para trabalhar.
Criança sofrida, de perna ferida,
e muita entanguida de tanto andar.
Lá vai o menino, de pele macia,
que acorda de dia para trabalhar;
não vai à escola e nem joga bola,
só desce a ladeira, sem eira-nem-beira.
O destino, ir à feira vender e gritar,
ganhar dinheiro e a família sustentar.
- A minha laranja é verde e amarela,
da cor da Bandeira do nosso Brasil,
que não é mãe, nem tão gentil,
com o filho desta Pátria hostil,
que não é mais criança e sim vadio,
cultiva no peito o coração vazio.

3º LUGAR

FABIANA MARIA FERREIRA. Democrático Estadual Edgard Santos, 8ª série
Fazenda Baixa da Lagoa, Sátiro Dias - BA
(75) 446-2276

NAVEGANDO NUMA PAIXÃO

Busquei palavras
Que pudessem expressar
O meu amor.
Achei palavras que o revelam
Com a subjetividade de um pintor
Que não consegue pintar
A dor de uma lágrima,
O canto de um pássaro,
O choro de uma criança.
Sei que amo,
E amor é tudo,
Mas não há explicações
Para coisas do coração.
Sei que dentro de mim habitas,
Mas não sei se dentro de ti posso estar,
Se existe um pouco de mim em ti,
Ou se precisarei pintar
Este pouco de mim
Que em ti deseja estar.
Se um dia a distância nos separar,
Terás tatuada em teu coração a minha imagem,
Numa singular figura
Pintada por esta poetisa enamorada,
Que pinta o amor com palavras
Nascidas do coração solitário,
Que sonha o amor eternizar,
Navegando no barco da paixão,
Sem bússola, sem leme,
Sem porto para atracar.

IV CONCURSO NACIONAL DE POESIA

1º LUGAR

ALBERTO LISBOA COHEN. Pseudônimo: José Bálsamo. Av. Gentil Bittencourt 867, apt. 1301, Belém – Pará, CEP 66040-000, tel. (091)230-0420, uiraponga@aol.com Currículo breve: advogado, nascido em 12/02/1942, autor de vários livros inéditos, ganhador do II Prédio Literário Livraria Asabeça, SP, 2003.

PACTO

Vedaram portas, balancins, janelas,
exorcizando o mundo das buzinas,
das prestações vencidas e mazelas.

Depois, beijaram o beijo apaixonado
que há muitos anos não beijavam mais,
como dois namorados nas esquinas,
novamente um casal entre os casais.

Dançaram uma valsa das antigas,
lindos, vestidos como dançarinos
eternizados num salão de baile,
e sorriram, no mesmo encantamento
do tempo dos saraus e das cantigas,
de mãos dadas, somente dois meninos
transplantados do feio apartamento.

No código lascivo do passado,
disseram coisas livres e excitantes,
num olhar de posse ou possuídos.

Finalmente, deitados lado a lado,
Romeu e Julieta revividos,
flutuaram no gás do aquecimento.

2º LUGAR

CÉLIA TORRES. Pseudônimo Ailec. Rua Pedro Amantéia, 1444, Izabel Marin, Birigui, SP

ALERGIA CRÔNICA

Flores selvagens

Nas narinas rústicas do cabloco.

Flores silvestres

Na cabana humilde da camponesa.

Flores campestres

No escritório pós-moderno da secretária.

Que droga!

Somente flores plásticas

Na estante lá de casa.

3º LUGAR

BENEDITO JOSÉ ALMEIDA FALCÃO. Pseudônimo: Hórus. Rua Severino Martins Cunha, no 1-66, Condomínio Marilu II, Bloco C, apt. 13, V. industrial, Bauru, SP, CEP 17055-450. Currículo breve: ganhador de muitas justas literárias nos gêneros poesia, conto e crônica.

PIRACEMA

No espelho d'água,
lua baça, mergulhada,
reflexo frio,
barcaça que desce, passa
entre noite e silêncio...

E o rio
- remanso frouxo –
caudaloso, desliza
na estrada do leito,
levando barcos,
olhos, margens,
- imagens mortas – remotas,
- saudade líquida –
arrastada na corredeira do tempo...

E as lembranças
- cardume prateado
de águas profundas –
refazem o ciclo:
de volta à nascente,
num resgate ruidoso
rasgam o dorso do rio
- barbatanas contra a correnteza –
voz extrema,
estrondosa piracema.

5º LUGAR

ANTONIO DONIZETI DA CRUZ. Residência: Sander sá. Caixa Postal 1043, Marechal Cândido Rondon, Paraná, CEP 85960-000, tel. 0xx45-284-1538, donizeti@rondonet.com.br, donizeti@unioeste.br Nasceu em Lobato, PR. É professor da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Leciona teoria da Literatura Portuguesa. É doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do rio Grande do Sul. É ganhador de vários prêmios literários, com trabalhos publicados no país e no exterior.

NOITE

“Hacia tiempo que esperaba a
alguien, y llegó el esperado... Se le
abrieron los ojos”. Pushkin

primavera; e do pensamento brotou a flor
dos desejos. A noite chegou como quem bate
à porta. Noturna solidão. Cálice dourado e
rosas de pedras. Teu peito consumindo-se
em desejos. Fogo de primavera. Metais.

Houve um tempo em que esperar
era mais que anseios. Houve um tempo.

O momento presente. É noite.

Mulheres com seus vestidos vermelhos,
longos, brilhantes cristais.

Tocar a face com mãos ávidas

Tocar teu corpo, teus seios, tuas pálpebras

MACIAS, por inteiro.

Tempo de esperas e de encontros

Tempo de dizer e de calar

Tempo de querer.

A noite com suas sombras e desafios

Envolve os corpos dos amantes

Na mais noturna melancolia.

A solidão mais tênue.

Colher violetas pelos caminhos.

Estrelas no céu.

Os galos prenunciam o crepúsculo

Sonhos afloram.

10º LUGAR: PRESERVAÇÃO

ANTONIO CARLOS DÁVOLOS, Rua Vicente Casale Padovani, 460, Jardim Fátima, Araras, SP, CEP 13607-130, tel. 0xx-19-3541-3291.

PRESERVAÇÃO

Falo da pausa
ordenada
em pouso raso ninhal
da rola cinza
ousada
criando
rente o beiral

Falo da asa
no aconchego pombal
em feição
de plumagem atraente
no orgulho maior
extremamente
maternal

Falo da causa
justo pouso formal
costumeiro
se espraiando
no espaço temporal
enfim...
falo da ave
rola cinza
preservando
por inteiro
em tempos assim
sua herdade natural

GENTE DA CASA

**CÉLIA LAMOUNIER DE ARAÚJO
E JOÃO JUSTINIANO DA FONSECA**

COROA DE SONETOS: A UM VULTO
A duas mãos por João e Célia

APRESENTAÇÃO

Em nosso grupo literário virtual ATENEU, temos o hábito de criar um verso (mote) para todos lhe darem continuidade. Outras vezes, alguém escreve sobre uma forma de poesia, por exemplo, a Balada, o Gazel... E todos criam uma Balada ou um Gazel. Temos a semana da Trova, do Soneto, do Cordel, os Ensaios e Cirandas. E assim vamos escrevendo, trocando idéias e aprendendo sempre mais.

Um dia, alguém pesquisando sonetos, achou uma Coroa de Sonetos de João Justiniano. Logo, veio a Semana da Coroa... Conhecendo João Justiniano, enviei mensagem para lhe contar que estávamos a ler e a divulgar suas Coroas. Ensinou-me a lição essencial: “cria-se uma Coroa começando pelo décimo quinto soneto”

Então me convidou a trocar sonetos e daí nasceu esta nossa COROA – A UM VULTO.

A idéia de publicar a Coroa na Revista POEBRAS tem por finalidade divulgar e incentivar a criação de novas Coroas, forma rara na literatura, mas que demonstra a capacidade de produzir, quando se escreve com amor e dedicação, buscando a sonoridade e a cadência da rima e da métrica.

Célia Lamounier de Araújo

= = =

É isso aí que a Célia diz e um pouquinho mais. Ao assumir a POEBRAS SALVADOR, em 1998, o projeto inicial foi a realização do concurso literário. Com o resultado do concurso, a idéia de divulgação dos premiados. Nasce a revista. Aí está Célia Lamounier de Araújo duas vezes premiada, com uma trova e um poema. E sua participação na revista desde o segundo número Fizemo-nos bons amigos de correspondência. Lá uma hora eu tomo um soneto de sua autoria e nasce o brinquedo que é essa coroa a duas mãos. Que Deus a conduza às boas graças do leitor

João Justiniano da Fonseca

1 - João Justiniano da Fonseca - BA - 09.09.03

Sozinho, Deus, assim como nasci,
vejo-me hoje, nos oitenta e três.
Lei do destino ou lei de Deus, as leis
são para ser cumpridas, e as cumpri.
Lutei, suei... O sonho consenti
a sábios e boçais, a reis e greis!
Se hoje ainda tivesse, outra vez
oferecera-o, como ofereci.
Voltar atrás, poder voltar à infância
e começar de novo, estância a estância,
desde a picula ao baba, escola e estudo...
Ir-me em seguida ampliando, passo a passo:
Mais esperança e fé, que ao mundo, eu acho,
É tão pequeno este meu sonho mudo.

2 - Célia Lamounier de Araújo -MG 21.09.03

É tão pequeno este meu sonho mudo
saber viver sem trégua e sem temor,
buscando ser sempre feliz em tudo
na troca de palavras mais amor.
Estar crescendo numa casa tal
que tenha bom conforto e ambiente
onde existir é ter um ideal
viver por ele e estar ali presente.
Seguir vivendo plena de amizades
na busca ideal de luz e verdades
construir igualdade e ser querida
Por muito tempo estar sempre contente
e plantar distribuindo a semente
de ter amor e ser retribuída.

3- João Justiniano - 21.09.03

De ter amor e ser retribuída
é o ideal, o sonho da mulher.
Ser a esposa ou a segunda, é ser qualquer;
quer ser a única, não dividida.
Por isso ela me disse na partida:
não voltes nunca mais, quero viver
sem nunca ouvir falar de ti, sequer!
E viverei feliz por toda a vida.
Busca outra, que outro eu buscarei.
O amor há de ser simples como a lei
do coração. E há de ser puro em tudo.
Guarda como lição essa palavra:
minha sede de amor é sede brava,
meu corpo aceso guarda um grito agudo

4 - Célia Lamounier em 24.09.03

Meu corpo aceso guarda um grito agudo
que vai rolar ao infinito mar
pois com a felicidade, se me iludo,
irei cantar, dançar, de amor gritar.
Ao vento, ao rio, ao mar, gritar ao céu
irei na eterna busca de um alguém
sincero, bom, correto, andante ao léu
que junto a mim será feliz também.
Por esse alguém hei de me reflorir
em flor e fruto ou rosa a repartir
num tempo de nós dois, amor e vida.
E dia e noite, caminhando a dois
vamos assim no passo a passo pois
minha alma virgem quer ser possuída.

5 - João Justiniano 24-09-03

Minha alma virgem quer ser possuída
em igualdade de pureza e amor.
Se o corpo é luz e fogo, puro ardor,
a alma é luz e lírio branco, vida!
A alma da gente unida ao corpo, ama
com intenso calor e igual desejo...
E somam-se no amor, sopro e realejo,
num grito único de acesa chama.
Assim não foi. Teu corpo ao meu unido,
a alma me relegaste a um só gemido
de dor profunda, enorme, verdadeira.
E eu, curtido de mágoas, dor, complexo,
vi que sem alma, falta amor no sexo:
- é tão pequena a vida passageira...

6 - Célia Lamounier em 06.10.03

É tão pequena a vida passageira
se o tempo escoar breve encaminhando
os passos, corpo e alma pela beira
estreita do horizonte, céus buscando.
Pequena a vida pode ser imensa
querendo por amor ao céu chegar,
amar é ser feliz, ter vida intensa
crescer, evoluir, com Deus andar.
E no desabrochar desta existência
encontra-se o saber com paciência,
mistérios de um amor são desvendados.
Pequena a vida é feita de saudade
porque estão vivendo na realidade
o homem e a mulher tão separados.

7 - João Justiniano em 8-10-03

O homem e a mulher tão separados,
em divórcio de amor, de corações!
O terrorismo e a guerra entre as nações,
velhos padrões morais estiolados.
O homem se esquece de que Deus existe
e existem calendário e esgotamento.
Galo na rinha e rei sem sentimento,
castiga, mata e esfolta - espada em riste.
Não há fronteiras entre o bem e o mal,
a vilania e o furto têm floral,
passeia o mundo na total cegueira!
O mal cavalga o tempo e prevalece
o amor se esgota e morre numa prece...
amor é ave de arribação, ligeira...

8 – Célia Lamounier em 11.10.03

Amor é ave de arribação, ligeira,
chegando vem do além do arco-íris
trazendo-me esperança alvissareira
de que não vais de mim, jamais, fugires.
Coração meu, de amor gaiola aberta,
sonhando corpo e alma bem querer
espera o canto, na jornada incerta
do pássaro amor lhe reconhecer.
O tempo passa... O amor já não me vem.
fica o corpo lasso e a alma também
com sonhos e desejos abafados
Descobrimo afinal grande verdade:
o amor é ave rara de saudade
que pousa sempre em galhos desligados.

9 - João Justiniano em 12-10.03

Que pausa sempre em galhos desligados?
- O amor, o sonho, a terna fantasia
que ilumina a esperança dia a dia
e amplia a mora dos desconsolados?
Se pulsa o coração e a alma estremece,
se a vida te sorri e a alegria
permeia e eleva a alma, se a harmonia
canta, composta em módulos de prece...
Porque não esperar que o edifício
erguido alto marque o frontispício
de festivos brasões, felicidade?
Porque não esperar que na quermesse
da vida, novo amor não te acontece,
abandonada e plena de ansiedade?

10 – Célia Lamounier em 12.10.03

Abandonada e plena de ansiedade
vivendo o dia a dia no trabalho
vitoriosa com a realidade
alma cismando corpo no borralho.
Contente e descontente, eu curto a sina
de ter amor e amor não encontrar
entendo bem que a vida nos ensina
o amor talvez está noutro lugar.
No tempo certo chega - um Cupido
lançando flechas; coração ferido
se entrega a outro, manso e sem lutar.
Saber da vida com fé e esperança
que o amor existe e assim, na confiança,
um vulto em minha estrada busco amar.

11 – João Justiniano em 13-10-003

Um vulto em minha estrada, busco amar
e ele me entrega o seu amor sincero.
Revérbero do sol no azul do mar?
Não sei! Só sei que vem. Só sei que espero!
E quando me chegar, o vulto amado,
depois de tanta busca e tanta espera,
eu hei de recebê-lo sublimado
como quem vem do céu, da estratosfera!
No meu passado, o amor foi insincero,
e veio dos peraus, do lagamar,
troca-passo de frívolo bolero...
Vindo do céu azul, do verde mar,
que será este vulto que eu espero?
- o vulto é sonho que se esvai no ar...

12 – Célia Lamounier em 15.10.03

O vulto é sonho que se esvai no ar
ao acordar voltando num sorriso
perde-se o vulto sem poder amar.
Quero dormir, ter o meu paraíso.
Pois antes sonhar e sofrer vivendo
que sem sonhos sofrer viva porque
o vulto é uma esperança, está crescendo
na imagem que eu revejo de você.
Você, nem sei se existe sobre a terra
Você, sonho de paz e amor sem guerra
Canção azul, raio de sol, meu jade.
Espero por você, em sonhos vulto
Que busco para ver seu rosto oculto
Sonho tão simples de felicidade!

13 – João Justiniano em 16-10-03

Sonho tão simples de felicidade...
Felicidade Fada, inatingível,
acima, sempre acima do alto nível
onde a elevamos desde a tenra idade!
Felicidade, sonho vão, mentira
que se busca na vida hora por hora,
e, quando a vislumbramos vai-se embora
sem acendermos sua ardente pira...
Felicidade, elevo a mão, tão perto
como as verdes miragens do deserto
ela foge e se esvai, se desbarata...
Nem sequer a vislumbro, eis que na altura
onde se põe, a imagem desfigura:
o sonho passa; o corpo, o tempo mata.

14 – Célia Lamounier em 16.10.03

O sonho passa; o corpo, o tempo mata
E minh'alma, essa desconhecida,
Esvoaça na busca do amor e acata
Um desejo de ser eterna a vida.
Mas não... eterna é a desesperança
Na busca inútil de um imenso amor
O corpo da mulher que foi criança
Já mostra rugas, perdeu seu calor.
Tudo é pequeno neste tempo estranho
E embora assim, em seu real tamanho,
Um ser, em corpo e alma, Deus retrata
O ser é grão, é gota, é criatura...
O tempo passa, conhece amargura
e, tão pequena, a vida segue ingrata.

15 – SONETO

A UM VULTO (soneto TEMA da coroa)

Célia Lamounier de Araújo - 1986

É tão pequeno este meu sonho mudo
de ter amor e ser retribuída
meu corpo aceso guarda um grito agudo
minha alma virgem quer ser possuída.
É tão pequena a vida passageira
o homem e a mulher tão separados
amor é ave de arribação, ligeira,
que pousa sempre em galhos desligados.
Abandonada e plena de ansiedade
um vulto em minha estrada busco amar
o vulto é sonho que se esvai no ar.
Sonho tão simples de felicidade!
o sonho passa; o corpo, o tempo mata
e, tão pequena, a vida segue ingrata.

.....
celialam@mcnet.inf.br

escritor@joaojustiniano.com

<http://celialamounier.portalcen.org>

www.joaojustiniano.com

ALCIONE SORTICA, filiado à Casa do Poeta Brasileiro de Porto Alegre/RS. Natural de Cachoeira do Sul/Rs, reside em Porto Alegre desde 1967. Bacharel em Ciências Contábeis/UFRGS, Auditor Fiscal do Tesouro Nacional, aposentado. Tem contos e poesias publicados em Coletâneas da CAPORI, ASAS e Casa do Poeta de São Luiz Gonzaga. No Armazém Literário de Aracaju/SE, Igaçaba Produções Culturais de Roque Gonzalez. Antologia SOS Natureza da ALMURS, Ilha das Letras, de São José/SC e em Jornais e Revistas literárias e sites da INTERNET. Tem como lema: "Poesia: Grito de esperança por um mundo melhor". E-mail: sortica@portaweb.com.br

Piá de recado

Velho, aposentado,
trabalhou desde guri.
Hoje, pau-para-toda-obra,
piá de recado,
compra aqui, paga ali,
corre pra todo lado.
Escuta!
Estás na idade poética
e não mais na fase atlética.
Demora, toma um mate,
ouve os pássaros, espia a lua lá fora.
Dá um tempo,
pensa ao menos um segundo.
Já cumpriste a tua missão.
Acabas ficando louco!
Esquece os problemas do mundo,
dá folga pro coração
e vai gozar a vida um pouco.
Pára!
Deixa um pouquinho pros outros,
não fica aí qual pateta.
Esquece o supermercado,
retorna um pouco à tua infância
e vai pra pracinha com a neta.

CONCEIÇÃO AFFONSO DE CARVALHO. Baiana de Salvador. Escreve poesia, trova e contos. Pertence a UBT/BA e a POEBRAS SALVADOR na qualidade de sócia fundadora, exercendo o cargo de Diretora da Biblioteca. Faz parte da coletânea Água Viva, da Contemp Editora e das coletâneas Pepitas do Meu Garimpo e a Luz da Fraternidade. Da UBT/BA.

RESTOS

Há um resto de mim
Nestas lembranças
Que eu buscava esquecer
Em duro aprendizado
Mas que afloram insistentes
Sombras visíveis
De um passado
Chega de surpresa
Mas num recato
Mansamente,
Como o passo fôfo de um gato

OTIMISMO

Não te faças triste agora
Porque eu vou poetar
Vou te mostrar a aurora
Que começa a despontar

Não te faças triste agora
Olha que verde mais lindo!
Que a natureza lá fora
Plantou num campo florindo...

Não te faças triste agora
Que a rosa que te ofereço
Trás perfume dessa flora

Não te faças triste agora
Que a vida, que não tem preço,
Espera por ti lá fora.

EDITH MARLENE DE BARROS Petropolitana Titular da cadeira nº 22
patronímica de Henrique Paixão Júnior da Academia Petropolitana de Poesia
Raul de Leoni, a qual preside desde 1993. Honorária das Academias:
Petropolitana de Letras e da de Educação. Correspondente de várias entidades
literárias. Organizadora da Coletânea Mosaico e da Revista Argila (APPRL).
Autora do livro Alinhavos (poesia). POEBRAS SAALVADOR

BRANCO

A minha cor é o branco

Por tudo que simboliza:

A paz, o sorriso franco

Que tanto sensibiliza.

Versos brancos – poesia;

Branca – a luz do dia

E a lua caprichosa,

Que quando cheia, mais branca.

Branco: o leite que alimenta

O algodão que agasalha

A neve que tanto encanta

A nuvem que o céu decora.

“Bandeira Branca” – saudade
entre confetes perdida.

Chora um amor do passado

Na marcha triste, sentida.

O branco é sempre presente

Base de todas as cores.

Vai na paleta do artista

Matizando seus amores.

Só não tem um bom sentido

Se tudo se levar no tranco

Ver o tempo, assim, perdido

Por tê-lo passado em branco.

ESTER DA SILVA VASCONCELOS. De profissão, professora (aposentada). Poetisa, trovadora. Integrante da UBT/BA e POEBRAS SALVADOR, exercendo, aqui, o cargo de Diretora Tesoureira desde 1998. Repetidamente premiada no torneio de trovas da UBT/BA. Autora do livro SONHOS DISPERSOS.

TROVAS

Se a criança todo dia,
Tivesse um livro na mão,
Jamais alguém ouviria:
- Olhe lá. Pegue o ladrão!

Passa o tempo de criança,
Também passa a mocidade!...
Passam sonhos e esperança,
Restando apenas saudade!

O amor quando verdadeiro,
É renúncia, é perdão.
Não se compra com dinheiro.
É permuta, integração.

Jamais negues – por favor!
Teu carinho a uma criança.
Ela precisa de amor...
E, pra vencer, confiança.

Um abraço – que delícia!
Fraternidade... união...
Doce e profunda carícia
Num momento de emoção.

Já vislumbro no horizonte,
O sol poente – beleza!
Um rubor estonteante...
Como é bela a natureza!

Canto de amor – serenata
Linda canção de embalar...
Céu azul, luar de prata.
- Jeito gostoso de amar.

Quando Deus criou a vida
Deu-lhe amor e liberdade
Mas uma coisa esqueceu:
Para os homens: igualdade.

Enigma forte a vida!
Dependendo do viver
Mesmo que seja sofrida,
Ninguém deseja morrer!

Muitas vezes um amigo
É melhor que um irmão
Pois o irmão lhe é imposto
E amigo é uma opção.

No sorrir de quem quer bem,
Há doçura e há calor.
Mas, é no olhar que se tem
Toda a linguagem do amor.

Pelo poder e magia,
Por tudo mais que ele tem,
“Planeta Água” – eu diria,
em vez de Planeta Terra!

ESTER LEONOR MAGALHÃES FERREIRA “JÔ DE PAULA” Poetisa.
Pertence à POEBRAS SALVADOR. Natural de Ruy Barbosa(BA) Livros publicados: “Floração” e “Retratos - Lembranças do Orobó”, Rua Priscila Dutra 378, Cond. Atlantic Ville casa 13 CEP 42 700 000 Lauro de Freitas(BA) Fone: (071) 3794332

RECONSTRUÇÃO

Os cacos estão espalhados
Está tudo jogado no chão
Juntemos as forças internas
E vamos à reconstrução

Com coragem arregacemos as mangas
Bem seguros com os pés firmes no chão
Juntemos forças, consolo, o colo
Passo a passo refazendo a união

A vida ficou solta aos pedaços
O momento é de andar bem ligeiro
Olhando a seta que mostra a estrada
O caminho que aponta o guerreiro

Refazer passo a passo a ruína
Construir com as pedras da dor
Imprimindo no seu coração
A doçura que traz o amor

É o tempo de reconstruir
Chegou a hora de dar vida á flor
Semeando por onde passar
Aguardando com fé e labor

Vem que é hora de transpor o deserto
De cruzar o abismo da vida
Com a certeza que os passos que damos
Acharão do labirinto a saída.

ELOISA ANTUNES MACIEL, nascida no município de Sant'Ana do Livramento/RS e radicada em Santa Maria, mesmo estado. Professora universitária jubilada. Poeta, cronista e contista. Publicou três livros de poesia e tem participado de diversas antologias, no Estado(RS) e no País. É filiada à CAPORI(Casa do Poeta Rio-Grandense), à CAPOSM(Casa do Poeta de Santa Maria), entre outras entidades. Reside na Rua Venâncio Aires, 1110/105, em Santa Maria/RS(CEP: 97.010004. Telefone: (55) 221-1691. Endereço eletrônico: eloisa@nalinha.com.br).

A MENDIGA E SEU CÃO...

Estação rodoviária de uma cidade qualquer.
Com o olhar vago, como a sondar o infinito,
uma pobre mendiga parece fitar o horizonte longínquo.
Ignora o bulício dos viajantes ...
Sorve alguns goles de líquido de uma lata suja...
Um cão, deitado a seus pés, abre e fecha lentamente os olhos...
Parecia observá-la,
vigia-la
ou dispor-se a defendê-la...

Entre um intervalo e outro, a mendiga reparte o pão:
A ela, o naco menor...
ao cão, a parte maior...
O pão acaba.
Mas resta algum pirão...
que ela destina ao cão...

Levanta-se e caminha,
Sozinha,
Sem olhar a ninguém...
Acha algo no chão
e olha o seu cão:
um pente!

Devagarinho do cão se aproxima.
E o peludo se anima:
deita o focinho sobre as patas dianteiras.
Aguarda o "penteado"...

E novamente, em gesto alternado,
ela executa um ritual:

ora penteia a si mesma,
ora penteia o cão...
Que triste ilusão...

Os viajantes embarcam
Os carros partem,
A vida segue...
E a mendiga prossegue
no abandono,
entre a indiferença
e a solidão.
Somente ela e o cão...

O tempo fecha,
o vento sopra,
a chuva cai...
Ao cão ela se aconchega
e ninguém perto dela chega...
Em plena laje
estão deitados:
ela e o cão...
Que situação!

Passado o vento, a chuva, o frio,
clareia o dia...
eis que um vigia
põe-se a chamar:
“Depressa, gente!
O caso é urgente...
Chamem sei lá quem...
Amém! ”

Naquele dia,
cessara a chuva, o sol brilhava...
Um velho carro funerário dois despojos levava:
num mesmo saco,
cobertos por um velho casaco,
dois corpos, abraçados,
como encarangados:
os corpos da mendiga e do cão...
Nenhuma comoção! Não!

E o carro, sem cortejo,
alcança um vilarejo...
Alguém se benze
e põe-se a orar...
Era um velho mendigo
da morta amigo,
não de seu cão...

Entenda a situação!

HELOÍSA PINTO FREITAS VIEIRA GRADDI – HELOÍSA GRADDI. Poetisa. Integra a POEBRAS SALVADOR e a UBT/BA. Domina com destreza a redondilha maior e a produz com muita facilidade. Juíza de direito, trabalha um poema métrico para cada sentença. Antes eram as sentenças na Vara Judicial de sua jurisdição. Hoje, integrando um órgão de julgamento coletivo, são os relatos e votos. Seus colegas, que inicialmente pareciam estranhar, põem a mão no queixo para ouvir-lhe a declamação de seguros e sólidos trabalhos jurídicos.

JUÍZO DA SEXTA VARA DE FAMÍLIA E SUCESSÕES

PROCESSO N° 55540547/97

AÇÃO DE INVESTIGAÇÃO DE
PATERNIDADE

INVESTIGANTE: P L C B
GENITORA: EDCÉIA DO CARMO BISPO
INVESTIGADO: PAULINO GONÇALVES DOS SANTOS

SENTENÇA

A parte autora ajuizou
nesta Vara a presente ação.
e seu pedido formulou
pretendendo a apreciação

da pretensão ajuizada
através de advogado,
e devidamente representada,
pediu que o feito fosse julgado.

Ao curso normal determinei
na ação ajuizada,
a citação que, nos termos da lei,
foi pelo Juízo efetivada.

Para contestar ou aceder,
nos termos da lei aplicada,
visando a ação transcorrer,
a parte ré foi citada.

E contestou com veemência
os fatos ali articulados,
clamando pela improcedência
de tudo o que foi alegado.

O Código de Processo Civil
em seu artigo 331,
esta hipótese previu:
não pode haver feito algum...

que não precise ser saneado,
se ordinário, o procedimento,
seguindo o legal tramitado
até o final julgamento.

Pelas razões que considerei,
como pode ser verificado,
consoante os termos da lei
o feito foi saneado.

É claro e por ser de direito,
com a minha determinação
deu-se prosseguimento ao feito
para a devida instrução.

Porém, face ao número avolumado
de processos de Investigação,
neste Juízo foi determinado
um consistente MUTIRÃO

para concluir rapidamente,
as ações já ajuizadas
prestando eficazmente
a tutela judicial pleiteada.

A PARTE RÉ FOI INTIMADA
para a excepcional audiência,
ONDE A CONCILIAÇÃO FOI TENTADA
para ter fim a divergência.

Eis que de forma esperada,
apesar do esforço à exaustão
a composição não foi verificada
sendo infrutífera a conciliação.

Porque o ora investigado
taxativa e contundentemente,
disse de modo consternado,
que não sabia indubiosamente...

se era o pai do investigante,
pelo que desejava realizar
um exame que, confiante
pudesse a dúvida exterminar.

Para saber com segurança
se é seu o filho indigitado
e, superada a desconfiança
FARIA O REGISTRO DE BOM GRADO.

ASSIM, AS PARTES ACEDERAM
e, na audiência do mutirão.
de forma espontânea procederam
ao exame de precisão.

Quem é o pai biológico,
somente um teste pode afirmar.
não apenas um exame fisiológico,
mas, uma análise de D N A.

Porque o exame feito no DNA
é capaz de asseverar com perfeição,
analisando a herança genética celular,
OFERECE TOTAL PRECISÃO.

E de forma simples foi realizada a incólume coleta do material que depois de ser analisada apresentou o resultado final.

Estando nos autos acostado o laudo médico pericial o mesmo não foi contestado extinguindo a contenda integral

Estando os autos RELATADOS passo agora à DECISÃO apreciando com cuidado, o pleito constante da ação.

II

Pleiteia a parte requerente que, provada sua alegação, a sentença julgue procedente esta ação de Investigação...

da sua real paternidade para saber do seu pai verdadeiro pois a mesma tem necessidade de conhecer-se por inteiro.

Por isto, a ansiedade de saber o pai que ela tem, porque a sua outra metade, certamente, dele provém.

Além de ser necessário para seu equilíbrio interior, por essencial e conseqüente, precisa também de amor.

Afora o lado emocional, na Investigação de Paternidade, é de valor fundamental, conhecer de fato a verdade.

Hoje a genética atualizada
depressa nos vem socorrer,
e atualmente vem sendo usada
para o Julgador esclarecer...

afirmando abalizardamente,
quem é o pai do investigante.
a fim de que seguramente,
julguemos sem a dúvida angustiante.

Estando nos autos acostado
o laudo médico pericial,
o mesmo não foi contestado
extinguindo a contenda afinal,

pois a análise em seu resultado
atesta no conteúdo assim:
que o ora investigado
é pai do investigante enfim.

A probabilidade que está escrita
no laudo médico-pericial,
diz que 99,% , possibilita,
a paternidade como sendo real.

Desse modo, fica declarado
porque provado eficazmente,
que o ora investigado
é o pai verdadeiramente...

da parte ora investigante
que doravante passará a ter
um pai sempre constante
que cumprirá o seu dever

assim, a prova testemunhal pedida
pela parte requerente
não precisou ser produzida,
por se tornar despiciente.

Consoante o Processo Civil vigente artigo 330, I, enunciado do pleito o juiz conhecerá diretamente sendo o feito logo sentenciado...

quando a questão a ser julgada for apenas de direito exato e em audiência prescindida ser provada mesmo sendo de direito e fato.

A insigne Promotoria emitiu em sua preclara Promoção com a motivação que assentiu: pela procedência da ação.

Considerando que foi cumprida a legislação que está em vigor, a pretensão deve ser deferida em prol de quem a pleiteou.

III

Por tudo o que consta dos autos e demais razões expendidas, estou deferindo neste ato A PRETENSÃO JUDICIAL DEDUZIDA.

Tem apoio o requerente em tudo, com base na legislação vigente, e na Lei 8.560/92 é que JULGO o seu pedido PROCEDENTE.

O processo transcorreu regular em todas as fases tramitado, porém, antes de determinar que seja cumprido o julgado...

é oportuno que a alimentação fique também fixada, deferindo a solicitação na inicial explicitada.

Portanto, hábil à efetivação da cobrança do valor devido deferindo assim, a pretensão com efeito, de logo eu DECIDO:

No mínimo, o salário é 01(um) QUE FICA DE LOGO ARBITRADO. porque é dever comum, dos pais, assistir o alimentado.

Com apoio no Código de Processo, artigo 269,I, enunciado, já que o autor obteve sucesso, Julgo extinto e acabado...

este feito quase pretérito porque a tutela já foi prestada com força de julgamento de mérito, ficando a parte ré dispensada

de pagar as custas processuais, sem honorários de advogado, por serem determinações legais sendo a Promotoria do Estado.

E porque ficou deferida a gratuidade solicitada a guia não deve ser expedida não há custa a ser cobrada.

Findo o prazo da lei vigente, expeça-se então o Mandado ao Cartório Competente a fim de ser averbado...

no Termo de Nascimento do autor já referenciado, inserindo como pai no momento, o nome do ora investigado.

Ao Cartório compete realizar entre outras medidas que devem, para a sentença logo executar, providências que a tanto servem.

Arquivando-se com brevidade com baixa na Distribuição, as legais formalidades cumpram-se, pois, com precisão.

No mês de setembro fluente aos 12 dias passados, aqui, no Juízo competente, o pleito foi acatado.

PUBLICADA e REGISTRADA para a devida ciência sejam as partes INTIMADAS do teor desta sentença.

Atuando como TITULAR daqui
nesta Vara Nesta ara eu sou JUÍZA
PINTO de PINTO DE FREITAS VIEIRA GRADDI
o meu nome é HELOÍSA. 1ª TURMA RECURSAL CÍVEL E CRIMINAL
PROCESSO JECDC Nº 11216- 0/2003
RECORRENTE: CARTÃO NUTRICASH
RECORRIDA: E G O D

EMENTA

DANO MORAL. NÃO CONFIGURAÇÃO.
constrangimento sofrido.
INEXISTÊNCIA. INDENIZAÇÃO.

RECURSO NO TODO PROVIDO.

Sem respaldo total
o pleito é descabido.
Não há dano moral
se o cartão é devolvido,
por falha mera, banal,
do sistema escolhido.

A pretensão da acionada
- reforma da decisão -
merece ser amparada
pois não houve humilhação.
E a sentença reformada,
extraída a condenação.
RECURSO PROVIDO.

RELATÓRIO

Para ser apreciada
sua legal pretensão,
em juízo foi intentada
a ação de indenização.

Pela ofensa moral sofrida
por parte da requerente,
que se sentiu constrangida
pela ora recorrente.

Pois na loja que comprava
ao passar o seu cartão
o sistema não entrava
causando indignação.

O seu cartão foi devolvido
mas, sem razão que o valha,
assim o motivo escolhido
- no sistema, existe falha,

ou seu cartão danificado,
ou qualquer outra razão,
seu crédito não foi usado
não houve satisfação...

do seu prazer de comprar
o que queria no momento
tendo que utilizar
outra forma a pagamento.

Sem nenhuma explicação,
ficou sem utilizar
o cartão alimentação
que queria aproveitar.

Vã foi a tentativa
de resolver o problema
que de forma cansativa
a envolveu nesse dilema.

Nem todo argumento usado
- diálogo ou discussão,
não deu qualquer resultado.
Seu esforço foi em vão.

E por isto ela ficou
totalmente humilhada.
A ofensa que passou
foi até presenciada...

por todos os circunstantes
presentes pois no momento,
que viram, naquele instante,
todo o seu sofrimento.

Sendo a autora compelida
ao ajuizamento da ação
à pendência ser resolvida
conforme a legislação.

Também eficazmente
a parte autora da ação,
pede, por ser pertinente,
que o valor da indenização,

tenha patamar condizente
com a humilhação que sofreu,
da forma que a recorrente
contra ela procedeu.

Pediu o maior valor
- alçada do Juizado,
só assim seu dissabor
seria então compensado.

não tendo conciliação,
- o feito foi instruído,
eis no fim a decisão:
- o pleito foi acolhido.

Finalmente foi julgada
com base na lei vigente,
e mais, na prova acostada,
em parte, a ação precedente,

ensejando irrisignação
da recorrente acionada,
que pede, com motivação,
seja a mesma reformada.

Quer retirar a importância
fixada em condenação,
pois sem qualquer relevância
a inicial pretensão.

E busca, exaustivamente,
em sua argumentação,
que se julgue improcedente,
a ação de indenização.

Quer mudada inteiramente
a sentença indigitada,
pois tem como improcedente
a ação ajuizada.

A reforma da decisão
almeja ela alcançar.
E pede com precaução
seu recurso apreciar.

Quer que o inteiro teor
da vergastada decisão,
não permaneça em vigor
pois não ocorreu a lesão.

E quer que seja julgada
a ação improcedente,
pois está inconformada
com a decisão precedente.

Ademais, o dano moral
não resultou comprovado,
e o decisum, afinal,
deverá ser reformado.

Em razões a favorecida
pede a manutenção,
da sentença recorrida:
- é justa a condenação.

Por sorteio me foi dado
o Recurso a relatar.
Tempestivo e preparado,
passo o mesmo a apreciar.

E o voto que vai lançado,
submeto a apreciação
do Egrégio Colegiado,
que o acolherá ou não.

VOTO

Cuida o recurso presente
de reforma da decisão
que enfim julgou procedente
a ação de indenização.

Vou de logo, analisar
as preliminares arguidas
para omissão não restar
na decisão proferida.

Ser o foro incompetente
é arguição descabida,
totalmente improcedente,
não merecendo guarida.

A relação de consumo
restou evidenciada.
Fica por isto, em resumo
a preliminar afastada,

porque a autora da ação
é destinatária final
do serviço ora em questão
com aptidão postulacional.

E a pretensa suspeição
do juízo ora alegada,
não tem luz, não tem razão
devendo ser rechaçada.

A passiva ilegitimidade
da ré ora recorrente
não tem procedibilidade.
Fica afastada igualmente.

VOTO pela rejeição
das preliminares suscitadas
pois sem nenhuma razão
as alegações esposadas.

Ficam assim rejeitadas
as preliminares argüidas
pelas razões externadas:
São as mesmas descabidas.

Passo então à apreciação
do mérito da ação, simplesmente,
a ver se cabe razão
ao pleito da recorrente.

Diz a autora na inicial
como está evidenciada,
que sofreu dano moral
e quer ser indenizada.

A tese foi acolhida
na decisão farpeada.
Mas, totalmente indevida,
merece ser reformada...

como diz a recorrente,
que, sem amparo legal,
o pleito não é procedente:
- Não houve o dano moral.

Diz, repete a recorrente,
que o “prejuízo” causado,
é no imo incoerente.
O dano não foi provado.

Insiste: a prova em questão
deve ser reexaminada,
e isto posto, a decisão,
precisa ser reformada.

A alegação da recorrente
merece ser acatada.
- É no todo improcedente
a pretensão ajuizada.

Pois na data reportada
pela parte requerente,
compras foram efetuadas
e de forma eficiente,

demonstrando que o cartão
dos outros consumidores
- usado com satisfação -
sem provocar dissabores.

Atestados de idoneidade
juntados à suficiência,
dizem ter capacidade
o cartão em evidência.

“Sistema fora do ar”
Não traduz dano moral
mais pode se assemelhar
a contratempo banal.

Transtornos do dia a dia
não apontam dano moral
exsurgem na tecnologia
da sociedade atual.

Se aparece defeito,
ao manusear o cartão,
é contratempo, tem jeito.
Não cabe reparação.

Cabe a troca efetuar
para que assim o cartão
ela possa utilizar
sem haver amolação.

Conforme se pode ver
o cartão já foi trocado
nada mais há a fazer.
Nada a ser comprovado.

o “sistema fora do ar ”
traz ínfimo dissabor
só podendo provocar
insatisfação, mal humor.

E se toda insatisfação
ensejar dano moral,
quem pagará reparação
por chuva, frio, temporal!

A lesão não se deduz
de todo o reportado.
Dano moral não se presume:
Tem que ficar comprovado.

O pleito da recorrente
tem todo o amparo legal.
A ação é improcedente:
Não houve o dano moral.

Não houve aviltamento
nem afronta à requerente.
E sem nenhum cabimento,
a lesão é inconcludente.

Se qualquer irritação
causar o “dano moral”
quem paga a reparação
pelo trânsito infernal?

Se pequena irritação
ensejar dano moral
inviabiliza a manutenção
do convívio social.

Toda a prova persuasiva
da parte ré e da autora
fez de forma conclusiva
o juízo da Relatora:

Não existiu dissabor,
vexame ou humilhação,
nem diminuição do valor,
nem martírio, ou aflição...

que possa configurar
o dano moral pleiteado.
Nem lei capaz de amparar
o rogo então acatado.

Sabe-se, o dano moral
é tema controvertido.
Contudo, ele afinal,
pode bem ser traduzido.

Em mágoa, sempre redundante:
conforme a sensibilidade,
será ferida profunda,
ou arranhão, banalidade!

Será também traduzido
como alvar constrangimento,
que na face do ofendido
aflige e traz sofrimento.

Com razão a recorrente
quer a reforma total
da decisão precedente,
pois, sem respaldo legal.

E posto isto, afinal
vê-se que o dano causado
não tem fé, não tem aval
pois não ficou comprovado.

A jurisprudência acostada
aproveita à recorrente
podendo ser aplicada,
à reforma prevalente.

O juiz deve cuidar
ao confrontar a lesão,
para não industrializar
o dano, a reparação.

O intento da recorrente
e parte vencida na ação,
É no todo coerente
- tem guarida a pretensão.

Seja o recurso provido,
retirada a condenação.
Porque não houve ofendido,
nem ofensa, nem lesão.

É justo que a decisão,
que está sendo guerreada,
venha a ter alteração
e no todo - reformada.

Asilo as razões da recorrente
e rejeito as da recorrida:
- pretensão improcedente -
não pode ser acolhida.

Não tem luz, nem tem razão
o pleito da requerente.
E o decisum em questão,
reforma-se integralmente.

Face à sua natureza
e ao que nos autos se tem,
o Recurso, com certeza,
deve prover-se, convém.

VOTO pelo PROVIMENTO
do rogo da recorrente:
O Recurso tem cabimento,
a ação é improcedente.

Sendo este o VOTO lançado
submeto-o à apreciação
dos membros do Colegiado
para final decisão.

Honorários de advogado
e custas de sucumbente
não devem ser fixados,
na forma da lei vigente.

Abril é o mês fluente
26 dias são transcorridos
nesta Sessão competente
o RECURSO foi PROVIDO.

Nesta Turma eu sou Juíza
e como Relatora aqui
O meu nome é Heloisa
Pinto de Freitas Vieira Graddi.

ILDA MARIA COSTA BRASIL Porto Alegre – RS Natural de Restinga Sêca/RS, reside em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Participa de várias antologias literárias nacionais e internacionais. Autora dos Projetos "Construção a Escrita" e "Produção Textual" para os Ensinos Fundamental e Médio. Em 2003, foi Patrona da 3ª Feira do Livro de Restinga Seca. Sócia do Partenon Literário, CAPORI, ALPAS XXI e Presidente da Associação Literária a Palavra Restinguense. Vice-Presidente Lítero Educacional da Casa do Poeta Rio-Grandense. Endereço: Rua Gen. Couto de Magalhães, 495 / 105, Bairro Higienópolis, Porto Alegre/RS.

MAGOAR

É gerar a desestruturação
do emocional de alguém;
é desrespeitar e abalar sentimentos;
e levar ao desejo de não estar
naquele lugar e muito menos próximo;
e produzir o sentir-se um intruso
e indesejado;
é propiciar ao um coração
chorar lágrimas de tristeza;
é provocar a dor pela mesquinhez;
é fazer do outro um ser frustrado
e desapontado;
é o criar situações humilhantes
e constrangedoras;
é não reconhecer o que lhe fora feito
e a ajuda recebida;
é não saber dividir e nem partilhar;
é ferir através de palavras,
atitudes e gestos;
é o sufocar e descarregar
tensões nos outros;
é criticar constantemente
e não saber ouvir;
é o achar-se o dono da razão
e do conhecimento.
É a conseqüência do descontrole
de um ser que se diz humano.

ILMA FONTES. Formação em medicina. Jornalista, escritora, ativista cultural, general comandante da resistência ao ordinário. Aracaju - SE.

FUNDO DE QUINTAL

Um rebanho de nuvens
que já foram carneirinhos
passa abrindo caminhos
de luz no céu da Liberdade

Um naco de dia fotografado
num fundo de quintal regista
a imensidão que arrebanhada passa
entre o sossego e a vadiagem

- as nuvens no céu vadeiam
eu, sozinha, aqui, vadia.

PASSEMOS...

Eu sempre soube que
a caravana ladra
enquanto os cães pastam

POESIA CONTRA O CAIS

Sem alegria talvez
você sorria
das pedras que rolam
nos leitos dos rios
pedras roliças
seixos macios
não se queixam
do sol nem do frio.

Eu só rio
com muita tristeza
das pedras partidas
a serviço do cais
que um dia foram abismo
penhascos, montanhas
e hoje não são mais.

Não sorrimos de pedras iguais
mas choramos pelo mesmo cais.

IONE JAEGER (Ione Maria Rocha Jaeger) POEBRAS NOVO AMBURGO - RS. Nasceu em Salvador/BA, vive em Novo Hamburgo há 55 anos. Só. Tem cinco livros editados. Premiada no teatro - Melhor Texto Inédito - em NH e no Paraná. Letrista no CD Momentos Reticentes, reggae, gravado pela Banda Mundo Y. Idealizou, criou e fundou a Associação de Amigos das Artes - ACAART, em NH (1997), instalou a 54ª Casa do Poeta Brasileiro - POEBRAS Novo Hamburgo (13/03/03). Organizadora da Coletânea "Onde os Poetas se Encontram", na 3ª edição. Edita o Boletim da POEBRAS NH, hospedado mensalmente na HP www.ionejaeger.pro.br

MÃOS PRETAS

O solar da rua Alcântares estava desocupado há mais de oito anos... O último inquilino faleceu, sozinho, do coração. Interessados em alugar, de posse das chaves, dirigiam-se até o endereço para correr a casa e não chegavam a passar da porta. O valor do aluguel, nos últimos dias, baixava de mês para mês. De estilo clássico, espanhol, o imóvel edificado no tempo do II Império era suntuoso. Material de primeira usado na construção, obra de arte de arquitetura, era uma peça imobiliária de requintada fachada. Pertencera a um nobre descendente da linhagem dos reis de Castela, emigrado para cá no fim da primeira metade do século XVIII.

No bairro e adjacências diziam que era mal-assombrado; era só fachada; o primeiro dono, o barão, falecido há algumas décadas, sepultado no Campo Santo de Almas Luso-Espanholas, da colonização ibérica, teria vindo buscar suas energias e sentimentos impregnados em cada ponto do velho solar. Levou tudo!

O atual proprietário fez a oferta. Quem alugasse o sobrado e ali morasse, gozaria da suspensão dos encargos por doze meses. Muitos aceitaram, ficavam minutos no interior da casa e nunca mais voltavam. Os boatos e a credence popular espalharam histórias fantásticas.

Nordestino porreta, Jovêncio, oriundo dos sertões das Alagoas, homem valente, a peixeira na cintura, quis morar em palacete. Casaria em breve, dentro de um ano, com a Sebastiana, aceitou a oferta. Expulsaria os fantasmas. Quando a Bastiana chegasse o único a causar espanto lá dentro seria ele!

Às dezoito horas, Hora do Angellus, adentrou na casa. Sentiu que era habitada. Não havia pó, poeira. Tudo aseado, cheirando a limpeza. Estava acompanhado por alguém. Alguém que abria, cortesmente, as portas para ele passar. Não era somente um. Eram mais de cinco. Bateu a fome no herói, foi preparar janta. Assaria algumas rãs. Os companheiros fizeram o mesmo. Antes de deitar, quis banhar-se. Encheu a banheira de água fria, sentiu-se nas águas do

rio Mandaú. “Os hostess” o imitaram. Finalmente foi dormir. Escolheu o dossel forrado com franjas e cetim branco. Acomodou-se. “Eles” o acompanharam.

Na pacífica convivência coabitaram durante cinco meses. Um dia sumiram. Não se despediram, não levaram bagagem, foram embora. Jovêncio viveu a falta das mãos e pés pretos que lhe receberam na chegada e, na sua companhia cozinhavam, tomavam banho de banheira, sentavam nas poltronas, faziam sala, liam o jornal, faziam refeições, dormiam nos alvos lençóis de cetim...

Nunca soube se eram homens ou mulheres...

V E S T Í G I O S

Na maciez sedosa, rutilante
da "lingerie" deixada entre os lençóis
há marcas indeléveis
de uma noite de prazer

Oculto o rubro tecido
o contato digital dos teus anseios
ávidos, buscando-me os seios
e a visão do meu corpo desnudo

Passado o êxtase, te ausentaste.
Sinais do talhe esbelto do teu porte
balsamados do cheiro da tua pele
nas dobras das cobertas ficaram

E a exaltação ao amor, no perfume
mesclado à sensual fragrância,
resta na minha lembrança
gravada na camisola vermelha.

IRAÍDES ANDRADE. Poeta . Pertence há doze anos à União Brasileira de Trovadores – Seção da Bahia, participando de duas coletâneas dessa instituição. Publicou, em 2002, um livro de poesias com o título ÚLTIMO ATO.

RAIOS DA MANHÃ

O dia nasce
E estou feliz.

Ponho no colo
Raios da manhã.

Com eles teço
Versos bem sentidos.

Saídos d´alma
Em cadência terna.

O dia surge
e eu procuro, amor.

Para entregar
Nesta alegria plena.

Versos que faço
Em ritmo suave:

Doces, tão doces:
Raios da manhã!...

IVANISE MANTONANI. Tem formação superior em Administração de Empresas e técnica em Artes Plástica. Poetisa, contista, desenhista, é primorosa em tudo. Domina a arte plástica com mão de fada. Rua Felix da Cunha, 853, ap. 14. Moinhos de Vento, Porto Alegre (CEP 90570-001)

Dois poemas extraídos de O VÔO DA BORBOLETA.

TAÇA

Na taça o veneno,
seiva e fel.
No corpo a malícia,
carícia e mel.
Ódio e amor
fornicando paixão.
Nos seios o beijo,
na boca o desejo
num mesmo refrão.
Na ampulheta vagarosa
no dia da vida
não foi parideira
e murchou como a rosa.
Ébria da mentira
que o vinho inebria
tornou-se amante
de longa espera.
Hoje é apatia,
quietude aderida
e ficou esquecida
num muro de hera.

A OUTRA

Quem é essa
que me sonda no espelho,
mostra uma nova ruga,
uma lágrima, um desmazelo
e se diz noda de mim.

Quem é essa
que se chama Maria
mas tece todas as dores
e arrepia meu pelo
quando invade o camarim.

Quem essa
que toma chá com fantasmas
e perambula insone
pelos corredores da casa.
Ela anarquizou minha vida
e desbotou meus cabelos
que tinham a cor do nanquim.

Também apagou meu sorriso,
Desenhou uma tristeza,
Expulsou minha vaidade,
Afugentou a beleza
E só de pura maldade
Diz que prepara meu fim.

IVONE SELISTRE. Contista e poetisa com três livros publicados e participação em coletâneas. Faz parte de diversas entidades culturais, inclusive a POEBRAS SALVADOR. Sempre presente nas publicações da Casa. Premiada em vários concursos literários. Destaque Patrulhense, 1900-2000. Residência: Av. Borges de Medeiros, 378, Santo Antônio da Patrulha, RS. Cep 95500-000

RETROSPECÇÃO

A embalar-se,
na cadeira acolchoada de lembranças,
a anciã contempla a noite sem lua.
Entre renque de plátanos veteranos,
repisa, em transe, sobre o pó da rua
que é sempre a sua
através dos anos.
A chuva mansa, líquida melodia,
com gestos trêmulos e melancolia,
irrequietas teias cristalinas, traça,
a escorrerem ao longo da vidraça.
Da ramada, junto à Prefeitura,
- de brancas magnólias revestida,
exótico perfume ainda perdura
na leveza da alma enternecida.
Dormitam sombras ao redor das casas
- memória sem margens, com enredos, -
afagando sonhos interrompidos,
distantes mágoas e tristes segredos.
Do campo-santo, ao alto da colina,
vivo clarão, súbito, ilumina,
por inteiro, da Vila, os casarões,
onde afetos se desvaneceram
e o tempo afugentou as emoções.

De remota saudade
que nada devora,
volve a anciã
e sua alma chora
ao ouvir o soar de nova era,
aconchegada em silêncios de espera.

DESRAZÃO

É de lama o mar
que, azul,
sonhei para mim:
com maciez de espuma
e dossel de bruma,
por anjos,
suspenso no céu.

Mas, em águas turvas,
o assombro da morte.
Morte... poço de mistério
na vala do cemitério
onde cala o coração aflito
e se desfaz o eco do meu
rito.

No pó do silêncio
extingue-se a chama
de estrelas cadentes
à mercê do mar...
desse mar de lama.

ÂNGELUS

Lento, o bronze faz soar o sino
no místico anúncio ao fim do dia,
quando os anjos, em coro divino,
murmuram preces da "Ave-Maria".

Nessa hora, de culto vespertino,
a despedir-se da poesia,
vê o poeta, no ocaso, o destino
do próprio fim que principia.

Inserido na tarde morrente,
da natureza, já não mais sente
os indícios de som e de cor.

Perdido em sombras de alegoria,
sua derradeira poesia
é arco-íris sem brilho, incolor.

JOÃO BOSCO DE CASTRO (Pará de Minas-MG, 31 de janeiro de 1947): possessor do Prêmio “A Vida da Palavra” (conferido pela Academia Brasileira de Letras, em 2003); autor de O Mandachuva (romance, 116 p., 1980), Elogio à Criação (poema épico, 156 p., 1996) e seis livros técnico-científicos; presente em mais de setenta antologias e coletâneas de textos; dono de mais de duzentas láureas literárias em concursos nacionais e internacionais; professor de Línguas Românicas e respectivas literaturas; especialista em Comunicação Social; membro da Academia de Letras “João Guimarães Rosa” (da PMMG), Academia de Ciências e Letras de Conselheiro Lafayette, Grupo Literário Poesia e Arte (de Caratinga-MG), Casa do Poeta Brasileiro em Salvador, Clube dos Escritores Piracicaba, Academia Brasileira de Estudos e Pesquisas Literárias (Brasília-DF), Clube dos Escritores de Ipatinga, Instituto Brasileiro de Policiologia (Belo Horizonte-MG) e International Writers and Artists Association (Bluffton, Ohio, USA); coronel da Polícia Militar de Minas Gerais; premiado em todos os concursos realizados, até 2003, pela Casa do Poeta Brasileiro em Salvador; residente em Belo Horizonte-MG (Rua Epídoto, 143, Santa Teresa, 31010-270, telefones 0xx30827699 e 91461434).

IEHOHANAN-KEPHÁ.

Belo Horizonte - MG, Brasil, 9 de setembro de 1998.
A João Pedro Azevedo Castro Costa,
meu neto.

Escuta-me, João Pedro: enquanto o mundo
Girar em torno do sorriso amável
De criança, haverá campo fecundo
Em portentos de paz — graça adorável

Com que Javé laureia a mansidão
Do pescador transfeito em bom rochedo
De Amor e Fé, Lhanura e Compaixão,
Dons sublimes em cujo facho o medo

Fraqueja mais e mais, até o fim!...
És presente de Deus à Fortaleza
Na qual o Coração brune troféus

Ornados co'a imponência do rubim
E das almas humildes co'a pureza:
Dadivoso Kephá, Chave dos Céus!

URSO BOREAL.

Belo Horizonte-MG, Brasil, 6 de maio de 2001.

Para Arthur Azevedo Castro Mota,
meu neto.

Como um Rei — valoroso maioral
Dos celtas, celebrado em epopéia
De valentes varões sem logorréia —,
Tu és Arthur: airoso e genial!

Urso Grande, rochedo sideral,
Simpleza do Cordeiro da Judéia,
Cabelos eriçados: odisséia
Dos notáveis titãs do Santo Gral!

Vigilante apressado e buliçoso
Da Boreal-Maior — a Estrela-Guia
Dos corações afeitos a comédias! —,

Desembarcas, arteiro e bonançoso,
Em plagas de concórdia e simpatia,
Para o Mundo livrar-se de tragédias!

AMAZONA.

Belo Horizonte – MG, Brasil, 3 de março de 2003

Para Luísa Azevedo Castro Mota,
minha neta.

Esguia flor com fluidos de esperança!
Bênção mimosa com frescor de afeto!
Aveludado som do mais seletto
Madrigal de louvores à bonança!

Cheiro macio de jardim repleto
Dos sedosos feitiços da festança
Dedicada às fofices de criança:
Recital aos duendes predileto!

Delícias tens no olhar; no gesto, amor!
Tuas mãozinhas falam de lhaneza!
Teu mistério recria a letra vária

Do Poema da Paz — meigo esplendor!
Sorris o riso bom da sutileza:
És Luísa — a amazona legendária!

JOAQUIM MONCKS. Oficial da Brigada Militar do Rio Grande do Sul, na reserva, advogado, poeta, declamador, conferencista, ensaísta e ativista cultural. Nascido em Pelotas, em 1948. Seis livros individuais desde 1973, no gênero poesia. Mais de uma centena de participações em antologias e coletâneas, em prosa e verso. Membro da Academia Sulbrasileira de Letras, em Pelotas e da Academia Literária Gaúcha, em Porto Alegre. Da Sociedade Partenon Literário, da Estância da Poesia Crioula e das Casas do Poeta Brasileiro – POEBRAS e da Riograndense – CAPORI, todas sediadas na Capital, onde reside. E-mail: joaquimoncks@ig.com.br

CENÁRIO PARA O ACAMPAMENTO DA POESIA ¹

O crepusculário nas Missões é um rondó
ao som do vento e das chuvas.

Campos dobrados, úmidos,
grávidos de trigo, são seios túmidos
deitados sobre si mesmos,
enquanto a cabeleira loira cuida dos cachos
pra noite que vem dormir.

O meu travesseiro de vento
é a mata ciliar do Ijuí-guaçu.
Fico extasiado frente às lágrimas
dançantes no leito do rio.

Tantas cruzes por estas ancestrais trilhas!
Sob as bênçãos da Cruz Missioneira
talvez tenhamos de amanhecer
de mãos postas.

Nos galhos dos sarandis
balançando,
há três séculos,
sussurra o choro do povo Guarani.
(Entre-Ijuís, RS, 08 de novembro de 2003.)

¹ Do livro inédito “O OVO DE COLOMBO”, 1999: 2004.

CENÁRIO QUASE DESMEMORIADO

Cordas retesadas de meu coração menino,
a infância é um carro-de-boi
rangendo nos grotões agrestes.
Férias de julho, entre o Monte Bonito e o Gama.
Dias antes do Getúlio “sair da vida pra entrar
na História”. E o cenário era Pelotas, tios e avós.
Dona Amélia Silveira, matriarca, era uma
fada dark, mística em seu longo vestido negro.
Viuvez plena de saudades, filhos e netos.

Meus medos eram tantos que ficaram
naqueles distantes ermos.
Alguns tinham nomes: o cemitério, o açude fundo
e as abelhas nas frinchas do galpão.
Ainda zunem em meus ouvidos o mel
e as águas passadas.

A infância é o pilão picando o milho,
o bolo cheiroso e as letrinhas na sopa
de Ana Silveira, professora de família.
Jovelino e Hilário derrubavam pedras
com clavas e dinamite.
Ajudavam a encher fartos celeiros,
veias por onde o sangue fluía para a cidade
em seus caminhões Ford.

Tudo era bonito neste quase desmemoriado tempo.
Nele enterrei os totens da esperança futura,
entre malmequeres, patas de cavalos,
o jogo de osso e o medo do escuro.

DE PÉ PELO BRASIL

(para José Moreira da Silva e seus 50 anos de Poesia)

Devolvo o verso para o nordestino vencedor,
que poderia ter sido candango, teatino,
mas por ser lutador, comprometido com o seu tempo,
é milico graduado, advogado, escritor
e, de lança em riste se fez poeta.

Devolvo o verso, com um aperto de mão,
o tiro livre na garganta e o coração feliz.
Dentro de mim, como um lírio,
a pureza da poesia decanta mágoas, tristezas
e acompanho os sonhos com um bordão na mão.

O canto nordestino é identidade de tempo e verso,
agentes lúcidos e mudos, seus ícones seculares.
Alevanta-se o novo e o antigo: Antônio Frederico,
Joaquim José da Silva Xavier
e José Moreira da Silva têm as mesmas caras,
mercê do tempo, de seu modo de fazer
e da coragem de dizer e de amar.

Levantemo-nos todos, de pé pelo Brasil!
O curso do tempo e das coisas vagará pelo anil,
Brasil, Brasil, de pé pelo Brasil!

DEPOIMENTO NA GARUPA DA POESIA

Cumpro minha sina de viver
ansioso por caminhos,
novas sendas para
a condenação de estar vivo.

Construo-me na busca de razões
para continuar sendo útil,
semeando idéias, desafios.

Sei do ofício de cantor do Belo,
mas choro o social,
porque o Real é o meu ninho.

A caneta é sempre espada
sobre o pensamento
e o dia seguinte urde suas trampas.

A impotência de relatar alegrias
rasteja, tristonha,
pois o que fica lavrado,
como um arado eterno,
é a palavra.

E esta me crucifica.

JOSÉ MOREIRA DA SILVA. Oficial do Exército Brasileiro, na reserva, advogado, cronista, poeta e ativista cultural. Publicou “Palxão – Fruto Maduro – Infinito, EDICOM, Porto Alegre, 1999, poesia. Idealizador e presidente da Academia Literária Gaúcha – ALGA, desde a sua fundação, em 1994. Sócio ativo da Sociedade Partenon Literário e da Casa do Poeta Riograndense. Nascido em Pau D’Alho, Pernambuco, em 1927, chegou ao RS no final da década de 50. Humanista por vocação.

PALAVRA DE ORDEM

Por estradas poeirentas, vai o nordestino
vencendo distâncias.
Canaviais, caatingas, pedras e caminhos.
Pássaro de arribação, pau-de-arara,
ventre de vermes e sementes de vento.
Suor em bica, chapéu roto,
viajando todas auroras, todos crepúsculos.
Misteriosa estrada,
rumo ao amanhecer que nunca vem.
Rios, cacimbas, campos secos. Focos e fogueiras.
Os sonhos nascem e morrem na mesma soalheira.
O dia não conhece alvorecer.
O cantar espanta a sede e desilusões,
e o passo é uma batida surda, funérea.

No Sul, o MST, no centro, o grito operário,
no sertão a cabeça baixa, feridas de tanto ajoelhar.
Chapéu na mão, pote seco, mãos postas.
O dedo do coronel dita o silêncio, a obediência.
O olhar do coronel pune a rebeldia, abafa o sonho.
O chicote do coronel vibra ainda, como outrora...
Para aquela brava gente, de quem falou Euclides,
não se abrem porteiras de currais e mentes.

SUDENE – Fênix, esperanças, coloridos balões.
Queimaremos senzalas, soltaremos vampiros,
armaremos forcas às margens de inconclusos açudes?
Libertarão a alma dos corruptos?

Oh, Senhor! fazei jorrar do ventre nordestino
a água cristalina,
o único bem que o sertanejo espera.
Oh, levantai, Castro Alves!
Acordai o Brasil, Tiradentes!

Este poema foi remetido para JOAQUIM MONCKS que escreveu a resposta: DE
PÉ PELO BRASIL!

DE PÉ PELO BRASIL

Joaquim Moncks

Para José Moreira da Silva e seus 50 anos de Poesia

Devolvo o verso para o nordestino vencedor,
que poderia ter sido candango, teatino,
mas por ser lutador, comprometido com o seu tempo,
é milico graduado, advogado, escritor
e, de lança em riste se fez poeta.

Devolvo o verso, com um aperto de mão,
o tiro livre na garganta e o coração feliz.
Dentro de mim, como um lírio,
a pureza da poesia decanta mágoas, tristezas
e acompanho os sonhos com um bordão na mão.

O canto nordestino é identidade de tempo e verso,
com seus agentes lúcidos e mudos,
seus ícones seculares.

Alevanta-se o novo e o antigo:
Antônio Frederico, Joaquim José da Silva Xavier
e José Moreira da Silva têm as mesmas caras,
mercê do tempo, de seu modo de fazer
e da coragem de dizer e de amar.

Levantemo-nos todos, de pé pelo Brasil!
O curso do tempo e das coisas vagará pelo anil,
Brasil, Brasil, de pé pelo Brasil!

LUCAS COZZA BRUNO -Porto Alegre – RS. Nasceu no dia 8 de dezembro de 1986, em São Paulo (capital). Reside a muitos anos no Rio Grande do Sul, terra que muito ama.. Cursa a 1ª série do Ensino Médio, na Escola Conhecer. Tem participações em várias Antologias Literárias Internacionais e Nacionais. É o diretor e redator do Jornal Semanal Cozzotávio. Gosta de ler, escrever e pesquisar. Suas produções demonstram simplicidade, riqueza de imagens e muita sensibilidade. Sócio do Partenon Literário/RS e a CAPORI - Casa do Poeta Rio-Grandense, onde ocupa o cargo de Vice-Diretor Cultural Infanto-Juvenil. Reside na Rua José do Patrocínio, 462 / 81, Bairro Cidade Baixa, Porto Alegre/RS. . E-mail: lucozza@ibest.com.br

POEMAS DE FRASES PERDIDAS

Retira do peito ferido
um pássaro aprisionado,
a liberdade que impõe limites,
o céu negro e imenso,
o desabafo da insegurança e da dor,
o que não foi entendido;
tudo o que foi confundido,
aquele algo perdido:
sofrimento, tristeza e traição.
Frases perdidas
fazem parte da minha linguagem;
podem até ser bobagens
e, às vezes, não serem compreendidas:
brotam, afloram, nascem...
Não sei o que fazer!
Sufocá-las, não devo;
além do mais, é crime!
Peço desculpas,
mas preciso seguir meu caminho,
minha meta,
meu destino,
minha vocação...
exercer a Arte de Escrever.

MARA CARVALHO LEITE. Baiana de Palmeiras, na Chapada Diamantina, reside no Rio Grande do Sul, em Santo Antônio da Patrulha, onde casou-se e constituiu família, lá está, na mais nobre e bela profissão que se abe no mundo – ensinar. Fora da sala de aula curte a vida e a poesia com o amado – Édison e do garotão Daniel. Deus os abençoe, baiúchos do coração do João.

Mistura de Raças

Esta mistura de raças
que vemos em Salvador,
é a força da Terra,
em todo esplendor.

Branços, negros e mulatos,
morenos da cor de jambo,
se misturam com outras raças,
pra deleite dos baianos.

Nem tão brancos,
nem tão pretos,
já não tem mais distinção.
Quando o assunto é amor,
o que manda é o coração.

Os baianos tem o charme
que todo mundo conhece,
que provém desta mistura,
que só a Bahia tem.

BAIANA DO ACARAJÉ

Cada esquina da cidade
tem uma baiana formosa,
com seu cheiro de dendê
e comida saborosa.

No tabuleiro da baiana
tem tudo que é delícia.
São bolinhos e quitutes
de dar água na boca.

Tem cocada bem gostosa,
caruru e vatapá,
tudo bem temperado
pra você se apaixonar.

Não deixe de provar
o acarajé e o abará,
mas cuidado com a pimenta,
não vá exagerar!

Quem vier a Salvador
e estas delícias provar,
o gostinho vai sentir
e querer sempre voltar.

SAUDADES

Ah! Que saudades que tenho
da minha Terra Natal!
Saudades das ondas batendo,
saudades dos coqueirais.

Saudades da gente bonita,
do cheiro de acarajé.
Saudades de ver a Lua
Refletida na maré.

Saudades do Sol ardente,
do gosto da água de coco.
Saudades do trio elétrico,
saudades do alvoroço.

Saudades, meu bem de tudo,
de tudo que existe por lá.
Saudades que não esqueço,
onde quer que eu vá.

Saudades, saudades, saudades.
Saudades da minha Bahia!

ICOMARÃ

Para Iracema Carvalho de Alencar Leite

Nome de índia,
descendência verdadeira.
grande guerreira
nunca se entrega.

Enfrenta tudo e todos,
tem a força da natureza,
tem a alma de guerreira.

Icomarã, guerreira, batalhadora,
és a força viva da mulher brasileira.

MARIA AMELIA GONÇALVES HILLAL – de Pelotas, RS. Dentre muitas entidades literárias no país, em sua cidade natal pertence à Casa Brasileira de Cultura, à Academia Sul-Brasileira de Letras e ao Centro Literário Pelotense, às quais tem emprestado sua atividade como secretária EM VÁRIAS ADMINISTRAÇÕES DESDE DE 1997. Editou “Poemas a Esmo” (1995), com suas poesias; e “Recortes da Vida de Francisca Marcant Gonçalves” (1998), com apreciações de intelectuais sobre os livros e poesias de sua genitora. Endereço: Rua Dom Pedro II, 692, Apto. 101. Ed. Sabino Rosa. CEP: 96010-300, Pelotas/RS

NAVEGANTE DE SONHOS

Meu barco está ancorado, em calma e segurança,
Pois é de imprecisão este mundo bisonho.
Por que não navegar, sempre com esperança?
Minha bússola: a Fé... e hoje o tempo é risonho.

De bagagem terei amor e confiança,
Pertinácia, honradez e recifes transponho
Se eu for munida assim. Também a temperança
É fator de vitória e, junto a mim, a ponho.

Que importam temporais ou mesmo turvas águas
Se vou firme, confiante, a Fé sendo meu norte,
E eu faltas não fizer?! Meu zelo a tudo imponho!...

Embora meu batel encalhe dando mágoas
Ou mesmo soçobrando a um vendaval mais forte,
Vou amarras soltar a navegar no sonho!...

MARIA TEREZA TRINDADE CARDOSO. Alegrete, RS. Professora. Pertence a Academia de Artes Ciências e Letras Castro Alves, da qual já foi vice presidente, é fundadora e atual presidente da Academia de Artes Ciências e Letras Mário Quintana Integra o Grêmio Literário Castro Alves e a Casa do Poeta Riograndense. Reside em Porto Alegre.

LEMBRANÇAS DE THEBAS

(Homenagem a Hatshepsut única mulher faraó, filha de Tutmés (ou Tutmósis, em grego). Ela se casou com seu meio-irmão Tutmés II. Governou o Egito de 1489 a 1469 AC).

Levei comigo, para a Eternidade
A lembrança do povo que foi meu;
Aprendi outro sim, que mi´a verdade
Reinou no Egito, que a vida me deu.
Quando parti, chorando de saudade
Avistei horizontes carregados
Pelos homens, na sua maldade,
Vão levando, inocentes ou culpados.

Ao longo de milênios, conduzindo
A civilização dita africana,
Como filha do sol, vou prosseguindo
Na árdua tarefa que da alma emana.
Meu trabalho não aceita limites,
Porque fui pelos deuses concebida.
Cumpro o meu dever longe dos palpites
Humanos, tramo a forma de mi´a vida.

Mística, deixei meu amor ao relento
Na magia dos mistérios milenares.
Parti do Egito, com o ouvido atento
A todos os ruídos de outros ares.
Se no alto das pirâmides contemplo
Gravadas lá nas pedras mi´as ações
Também vejo o Rio Nilo como exemplo
De que o amor é a maior das opções.

Construí meu templo em pedra imantada,
A fim de que outras gerações soubessem
Que infinita quão luzente estrada
Os homens, no amor, se reconhecem

Que orar é uma tarefa consagrada,
Seja no Alto ou no Baixo Egito.
Das mi´as coroas a mais respeitada
É a que me cobra o amor infinito.

Eu sou da África o filho mais forte,
Porquanto a mim ninguém sobrepujou;
Não houve, lá no Oriente, nenhum corte,
Porque comigo, meu reino passou.
Por trinta e cinco séculos, busquei
Teu amor, como bálsamo abençoado.
Por todos estes séculos te amei,
Sem perceberes quanto foste amado

Estendi no solo esteira dourada,
Para que os séculos e os milênios
Desfilassem sobre a trilha encantada
Por onde iriam passar muitos essênios;
Meus olhos tão felizes, deslumbrados,
Choram, ao sabor das emoções.
Mi´as mãos se encheram de apaixonados,
Apelos de amorosos corações.

Vagando pela poeira das estradas,
Diviso um Oriente bem mais novo
E ao som das guitarras, nas madrugadas,
Relembro a magia de um velho povo,
Chego ao sabor de um tempo infinito,
Aos portais da minha eternidade.
Mas esta alma, no seu último grito,
Ainda te recorda, cheia de saudade.

MÁRIO BELMIRO BARBOSA – MARBELOSA. Formação em ciências contábeis. Ferroviário vinculado à velha Viação Férrea Federal Leste Brasileiro, iniciou-se ainda estudante, em funções menores, para, seguindo a carreira sempre na mesma empresa, alcançar, concluído o curso superior, o cargo de Contador Geral. Poeta, cronista. Cachoeirano. Filho de Júlio Farias Barbosa, também ferroviário e Zulmira Freitas Barbosa. Integrante do Centro de Pensamento e Ação - CEPA, , onde é diretor, da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador – POEBRAS SALVADOR Residência: Rua Daniel Lisboa, 47, 3ª Travessa, apto 401 – Brotas, Salvador. Tel. (071)356.2851.

RIO PARAGUAÇU

Ele corria para o mar
E no seu leito havia
Flores, peixes e amores
Tudo se maravilhava
Dando vida à região
Por onde ele passava.
Mas, um dia que maldade!
Interromperam seu caminho
Tudo em nome do progresso
Acabando o pergaminho.
Agora, lago sereno, porém
Gigante
Fica olhando bem distante
As terras que ele beijou.
“Que saudades temos dele!”
diz também, os canoieiros
do velho Paraguaçu.

MILTON COSTA - Natural de Alagoinhas - Bahia, nascido em 10 / 12 / 1926, poeta e escritor. Membro da Fundação Educacional e Editorial Universalista, sediada em Porto Alegre - RS. Membro correspondente da Academia Pan - Americana de Letras e Artes, da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro e do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes do Rio de Janeiro. Membro Benemérito da Academia de Letras e Artes de Alagoinhas - Bahia, pertence à Casa do Poeta Brasileiro em Salvador - Bahia, à União Brasileira de Trovadores Seção da Bahia, com sede no Rio de Janeiro. Premiado com Medalhas de Bronze e Diplomas de Honra ao Mérito em concursos de poesia, sócio do Grupo de Ação Cultural da Bahia, edita o Poesia - boletim mensal. Tem trabalhos publicados no Jornal " Fraternizar " editado em Portugal, na revista " Presencias " editada em Buenos Aires , no jornal literário " Pegadas " do Rio de Janeiro e em outros periódicos do Estado da Bahia e cidades do interior.

ESCALADA

Na escalada da vida,
viver, aprender, compreender,
é galgar novos patamares
de ascensão.

É sentir,
o espírito em movimento,
na seqüência vibratória,
que nos leva a alcançar
novas dimensões,
de expansão e liberdade .

NELSON FACHINELLI. Poeta e trovador. Ativista cultural, divulgador da arte poética. Vida inteira de dedicação à cultura. Fundador da Casa do Poeta em Porto Alegre – CAPORI e da Casa do Poeta Brasileiro – POEBRAS.

QUERO ENVELHECER SORRINDO

Quero envelhecer sorrindo
Como envelhecem os galhos dos pomares
Dando flores e frutos
E espalhando perfume pelos ares!...

Quero envelhecer sonhando
Cada vez mais um mundo melhor;
Que as palavras irmão-amigo,
Sejam pronunciadas de cor...

Quero envelhecer amando
A todos, sem quaisquer restrições
E, amando, ser bem-amado,
Ao sabor de mil e um emoções...

E ao envelhecer sorrindo, amando,
Possa semear amor em todos corações!

CANTIGAS DE NATAL E ANO NOVO

Mais um Natal e Ano Novo
Chegam na vida da agente;
Trazendo Luz para o povo
E esperança novamente.

Chega o Natal novamente
Na vida da Humanidade;
- Oxalá que nossa agente
Tenha mais felicidade!

Nasceu nosso Salvador,
Noite Santa de Jesus.
Natal é festa de Amor,
Plena de Paz e de Luz!

Natal é festa de Cristo
E também da humanidade.
Somente com Ele, insisto,
Se terá felicidade!

Feliz quem pode ajudar
Todo aquele ser carente...
Só Cristo pode salvar,
Mas podemos ser mais gente!

Neste Natal, minha gente
Vamos banir todo mal.
Com Jesus unicamente
Terá sentido o Natal!

Festejar bem o Natal
Não é só comer, beber.
É abdicar de todo mal
Bem amar e bem viver.

CANTIGAS DE FIM DE ANO

Feliz Ano Novo – é voz
De todos, num mesmo tom.
Depende muito de nós
Ter, de fato, um Ano bom.

Ano velho chega ao fim
Um novo Ano vem chegando.
Com a vida ocorre assim
Ela vai e acaba voltando.

Ano Novo... Vida nova
Para muitos nesta vida:
- É sonho que se renova
De cada ilusão perdida.

Eu rogo ao Deus dos Poetas
No Ano Novo, em oração,
Um mundo com mais estetas,
Com mais justiça e mais pão.

O que importa a tua cor,
Teu time ou tua religião...
Mais importante é o Amor,
Tratar todos como irmão.

NEWTON MEYER AZEVEDO. Poeta e trovador primoroso, artista do verso em redondilha maior e em decassílabo. Coronel Do Exército Nacional. Hoje na Reserva. Acadêmico. Academia Pousoalegrense de Letras, UBT Pouso Alegre e POEBRAS SALVADOR. Trovas colhidas de “Casarão da Saudade”

Meu coração não reclama
De sempre bater dobrado,
Unindo - numa só chama,
O trovador e o soldado.

Castro Alves, tua mão,
Mais que a Princesa Isabel,
Aboliu a escravidão
Com teus canhões – de papel.

Há um paradoxo contido
Na tese que se apresenta:
Quanto mais é repartido,
Tanto mais o Amor – aumenta.

Busca a verdade, meu filho,
Que a mentira se oferece.
- O que é falso tem mais brilho,
O que é Bom pouco acontece.

Na firmeza de atitudes
Um homem prospera e cresce;
É garimpando virtudes
Que o caráter se enriquece.

Punha mamãe raro brilho
Nesta frase pequenina:
- “coincidência, meu filho,
é obra que Deus assina”.

O pão dormido, na mesa,
Recusado com desdém,
Será sempre, com certeza,
O pão que faltou a alguém.

Teria o bem eficácia,
No mundo de tantas falhas,
Se os bons tivessem a audácia
E a coragem dos canalhas.

A consciência da fonte
Suplanta o saber humano.
Serena, busca o horizonte,
Na certeza do oceano.

Quem perde a fé - pela idade,
E diz que “o sonho acabou”,
É tolo, e, na realidade
Nunca viveu, nem sonhou.

Mitigando a fome alheia,
Desde a semente no chão,
Mais vale a mão que semeia,
Que o braço que faz o pão.

Sucumbem os monumentos,
Ruem templo e catedral;
Tombam astros, firmamentos,
Mas a palavra é imortal!

Os beijos do meu instinto,
Sobre teu corpo ideal,
São gotas de vinho tinto
Sobre taças de cristal.

O encontro mais feliz
Entre homens – e reis também,
Foi num remoto país,
Sob a Estrela de Belém.

O livro, sobre as carteiras;
O ferro, à força do malho,
Constróem nações inteiras
Pela força do trabalho.

Foi fantástica a viagem
- E incrivelmente veloz,
De um cromossomo selvagem.
Desde o macaco – até nós.

Em frente a um púlpito mudo,
Nas igrejas da Bahia,
Pode-se ouvir quase tudo
O que Vieira dizia...

Vendo as algemas no pulso
Do filho, a mãe balbucia
Contendo do pranto convulso:
“Antes os cravos, Maria”!

Até o herói titubeia,
Afeito ao fogo e à metralha,
Quando o silêncio campeia
Sobre o campo de batalha.

Um romance inusitado,
Breve, rude, mas - fecundo,
Surge entre o aço do arado
E a terra – que nutre o mundo.

A Deus, perfilado, eu peço,
Ante estrelas sobre o azul,
Pela ordem - e progresso,
Sob o Cruzeiro do Sul.

Planta com alma este Chão,
Cuida e protege o renovo;
Que a terra se faz Nação
Pelo trabalho de um povo.

Buscando-a, jamais verás
A Pátria – em lugar algum;
Ela é um recanto de paz
No peito de cada um.

Três sangues pulsam nos peitos,
Três raças no meu país;
Um povo sem preconceitos,
Ordeiro, irmão e feliz!

Trinta anos de Carreira
Das Armas, dão-me o direito
À Bandeira Brasileira
No Panteon –do meu peito!

Altivo no cadafalso,
Tiradentes – de perfil,
Parece um santo descalço
Abençoando o Brasil!

É com trabalho consciente,
Firmeza e dedicação,
Que se constrói - no presente,
O porvir de uma nação!

Já pendurei a chuteira...
Mas, ao grito do meu povo
Na Amazônia Brasileira,
Eu volto a calçar de novo!...

NILSON PETRONILO DE SOUZA. Autodidata. Nascido em Salvador. Poeta e trovador. Pertence à OBRAPS, Academia Castro Alves de Letras, POEBRAS SALVADOR na qualidade de sócio fundador. Tem três livros publicados e divulga seus trabalhos na Folha do Subúrbio, de Camaçari e outros jornais. Sua poética preferida é espiritualista e planetária. Trabalha com empenho e capricho o soneto/acrostico e o produz também em acróstico duplo. Rua `prof. José Maria Rosas, 5, Caminho de Areia – 40440-150, Salvador

UMA ROSA EM FORMA DE MULHER
A Lúcia Adães, da Academia Castro Alves de Letras.

Reparai como são belas as rosas,
Como trabalha bem a Natureza.
Têm pétalas macias e sedosas.
- Que cativante odor! Que sutileza!

Há mulheres, quais rosas graciosas,
Mas têm algo mais, de real grandeza!
São suas almas ouras, luminosas,
De cores vivas, de invulgar beleza.

Uma rosa-mulher é nossa amiga,
Sua conversa agrada, nos instiga;
E somos dela verdadeiros fãs.

Declamadora, uma poetisa nata.
Meiga, harmoniosa, cordial, pacata...
É assim a sensitiva Lúcia Adães.

NUNES DE ALMEIDA. Poeta. Membro da Academia Castro Alves de Letras, da OBRAPS e da POEBRAS SALVADOR, na qualidade de sócio fundador..

ANGUERA

... E HAVERÁ SINAIS DO CÉU – disse o Senhor.
E que aconteceria lá no fim dos tempos...
Não é que a Bahia faz parte dos eventos?
Fazenda Malhada Nova. Com esplendor!

São mensagens da Mãe do Céu cheias de amor,
Com apelos para que haja fé, e, atentos,
Ante a Doutrina do Filho nos pensamentos,
Para afastar-se o inimigo e seu terror...

Mensagens de Graças do Céu têm aumentado,
Ali se realizando com fé e contrição;
Sente-se muita paz e no amor sagrado...

Fiéis têm ocorrido numa profusão;
Visões do Céu e mais mensagens têm chegado
Para que no fim... haja regeneração.

OSWALDO FRANCISCO MARTIS. Engenheiro químico e matemático. Pós graduado em Engenharia de Processamento Químico. Professor de matemática. Poeta e ficcionista, com sete livros publicados. Diretor de Intercâmbio Cultural da PÓEBRAS SALVADOR. Coordenou o nosso III Internacional de Poesia em 200, o I Concurso Interescolar da Bahia, 2002 e o IV Concurso Nacional de Poesia., 2003.

TROVAS

Eu pouco sei de elisão
Ao versejar como poeta
Neste instante de visão
- Palavra de gente reta!

Adeus gente ingrata à beca
E poderes de vil fama!
Atores em cruel peça,
Errantes na própria lama.

Cuspo os modos de político
Quando falo desta vida.
Dizem que sou muito crítico...
- Quem não rouba, não tem ferida!

Sim, contra erros tem perdão
E, do acerto pro ser bom,
Um pouco de gratidão...
Quando não se perde o tom!

Sou da Rua do Silêncio
Porque nela moro ou vou.
Tenho nome de Inocência
E, por isso, surdo estou

Quando chove forte e venta
Fica a vida numa boa,
Tudo limpa, pó já assenta,
Nesta Terra da Garoa.

Vida bela, vida-dez,
Trato de paz, não de dor!
Desejo na pele e tez,
Ação de fazer amor.

No verso de amor, calor;
No verso de sonho, fada;
No verso de morte, dor;
No verso chinfrim jaz nada...

Neste imenso mar ou oceano
A baleia bem suspira.
Faz um som alto sem piano,
Mas fétido aroma atira...!

Faculdades Jorge Amado,
Gente reta que se ajusta
Ao modelo certo, formado,
Para a vida bem mais justa.

PAULO CESAR DE ALMEIDA. Poeta, contista, natural de Andrelandia, MG. Integra a Academia Petropolitana de Poesia Raul de Leoni, Centro Cultural Andrelandense, Sindicato dos Escritores do Estado de Minas Gerais e POEBRAS SALVADOR. Livros publicados - Andrelandia, Vultos e Fatos, Pai Nosso Para Todos os Dias. Caixa Postal 25, CEP 37300-000 – Andrelandia, MG.

DA FUGACIDADE DO PRESENTE

O que é o presente senão uma simples aporia do tempo
que se folga entre o decurso do ontem
e o acesso inevitável do amanhã?

O presente é apenas um elo, imperceptível até,
como fiel entre duas eternidades equidistantes,
do mesmo ponto para direções opostas.

O que é o presente senão esse ponto intocável
que se percebe da explosão ao impacto do projétil,
ou o pensamento ao expirar do moribundo?

O presente é o que se vive do não existir ao nascer,
o que acontece entre o nada e a concepção
é o tempo gasto do fiat ao início da gênese.

O presente é quase nada, muito menos que o atualmente,
mais rápido que o hoje, o agora, este instante...
pois tudo isso já é passado para a luz e para o pensamento.

O presente é, na verdade, acrônico e intemporal;
É um futuro tão próximo que se esvai
e um passado que ainda não chegou.

PÉROLA BENSABATH – membro da Academia de Letras de Araguari-GO e da Casa do Poeta Brasileiro, em Salvador, exercendo o cargo de Diretora Secretária, Prêmios de Poesias: III e VI FAEC (1994 e 2001) e Revista Brasília (1983). Publicações: livro Gotas de Pérola (1997) e participações nas Coletâneas: Poetas Brasileiros (Shogun,RJ,1994), Brasil Literário (Crisalis,RJ,1984), Poetas do Brasil (Folha Carioca,RJ,1984).

ESCRITORA

Com ternura você me chama ESCRITORA
e com ternura orgulhosa e infinita
eu penso, feminina e carinhosa: - ESCRITORA?...
Minha escrita é tentativa de acertar
Sentimentos que eu capto nesta vida.
Mas em seus lábios a palavra se adoça
e em ESCRITORA eu quero me transformar.
Aí você me beija e eu me esqueço
de textos, tentativas e acertos.
Misturando anseios, afagos e paixão
Somos os dois, neste momento – ESCRITORES
d'uma história proibida, que não vamos publicar.
EU e VOCÊ – copulando a história escrita
da nossa TENTATIVA de amar...

CINTILAÇÕES

Não quero te comparar
a um ode triste...
Devo então te comparar
à felicidade reticente
ou a ilusões perdidas?
E a mim, a que devo comparar?
A uma tela em branco que tu,
Com teu amor, coloriste?
Mas só quero comparar
a TI e a MIM
às cintilações da platina
ou ao bailado de pétalas
que sob as luzes divinas
caem ao solo, como bailarinas.

AMOR E PRECE

Há três tipos de AMOR:

- o que exige
- o que doa
- e o que espera.

E há três tipos de PRECE:

- a que implora
- a que tem fé
- e a que agradece.

Mas... só há dois tipos de DESEJO:

- o que sublima
- e o que intima o direito legítimo ou suposto de ser satisfeito.
(seja no alcance do gozo ou na posse TOTAL do parceiro).

PLÁGIO

Eu amei primeiro e disse:

EU TE AMO...

O tempo passou, o amor arrefeceu...

Um dia, quando eu menos esperava

Você me abraçou e me brindou

Com pérolas ao vento, dizendo:

EU TE AMO...

E assim, tardiamente, você me plagiou!

RAFAEL BRAGA PINTO nasceu em 23 de maio de 1983, em Porto Alegre/RS. Cursa o 1º semestre de História na PUCRS e tem participações em Antologias Literárias Nacionais e Internacionais. Suas poesias apresentam preocupações com os problemas sociais e é rica em imagens e sugestões. É Presidente da Associação dos Ex-alunos da Escola Conhecer - ASEC e sócio do Partenon Literário/RS e da Casa do Poeta Rio-Grandense. Reside na Rua José Otávio Manica, 26, Bairro Santa Tereza, Porto Alegre/RS, CEP: 90.850-320. E-mail: rafaelhistoria23@vipmail.com.br

INQUIETAÇÕES?!...

Alguns de nossos sentimentos,
simplesmente não podem ser descritos
e, mesmo que pudéssemos;
talvez eu não conseguisse,
pois me falta o jeitinho especial
para lidar com as palavras.
O amor é indescritível,
mas quem o sente,
às vezes, também, não o sabe explicar.
Quando e como seria,
se ele vem apenas
para dar mais alegria
e colorindo as nossas vidas.
A coragem, também, é difícil descrever,
pois surge com muita intensidade e força,
e, com ela, nada é impossível.
Não há nada que não transponha.
Não há nada que a destrua:
nem o medo,
nem a raiva,
nem o mal.
Talvez muitos não consiga descrever
amor e coragem,
mas esse poema tem a função de levar
os homens a refletirem sobre estes valores.
Pensem, reflitam e sejam
multiplicadores dos mesmos.

RINALDA LIMA. Contista, poetisa, cronista, participante de seleções e antologias. Membro da União Brasileira de Escritores – UBE/ Sergipe e da Casa do Poeta Brasileiro em Salvador – POEBRAS SALVADOR.

BERÇO DOS INFAMES,

Desfilo minha falta de vestuário

 neste piso mal lavado.

[Não toque em mim! pode manchar
 suas mãos nos meus
 cabelos enlameados.]

A couraça encobre o fragmento de cravo
 das personagens de órbitas vazadas que
 brincam de morar nas areias-gordas.

No berço dos infames ante-sala não tem;
 (ou) desocupadas almas quaisquer (verá).

Ir ao mundo dos que nunca voltam,
 partir,

 eu quero.

Não existe hora para voltar no
 tempo eterno dos que se vão.

O mundo dos que vão e ficam
 não marca o calendário.

SCHYRLEI VLASTA SCORALICK PINHEIRO, brasileira, casada, natural do Rio de Janeiro, residente á Rua Uruguai, 90/603 Tijuca- RJ, aposentada, ligada a arte através da poesia livre, sem compromissos técnicos com a mestria contemporânea. Comunicadora internauta de excepcional dedicação, produz e divulga seus poemas em uma constância de causar inveja.

MULHER

Verdade absoluta;
Tesouro divino.
Teu corpo gera a semente de amor,
tua alma espelha só sentimentos,
abrandando os tormentos,
transformando lamentos
em orvalhadas
de lágrimas,
que matam a sede da flor.
Segue firme os passos
da loucura,
emerge da exaustão;
jamais ficarás sozinha
ou perdida na multidão.
Em ti está o segredo
da multiplicação,
que move na humanidade
a justiça, a força e a razão,
para recriar a vida
na medida da perfeição,
que baterá sempre no peito,
com nome de coração.
TÂNIA BORGES. Professora. Brasília e-m
taniaborgesmq43@pop.com.br

IPÊ ROXO

Esguia
Espia
Ereta
Correta
Côncscia
Do seu
Dever
Aquela
Árvore de Ipê
Olha
Observa
Orgulha-se
de tudo ver
Calma
Quieta
Ciente
Calada
Fica ali
Fingindo parada
Mas ela é grande morada
dos parasitas que lhe sugam a seiva
Seiva que ela esbanja
Salpicada de
Flocos de Flor
Lindas e lilás
Trazem amor
Trazem paz
Esguia, ali
Altaneira
Vê a quadra inteira
E com ela ri e chora a brincar
Na esperança certa de um dia
Atingir as alturas
e aos céus chegar.

THIELE ABUD DIAS nasceu no dia 25 de dezembro de 1989, em Porto Alegre/RS. Cursa a 1ª série do Ensino Médio, na Escola Conhecer. Gosta de ouvir música, dançar, ler e escrever. Curte festas e praia. É bastante extrovertida e alegre. Em 2003, participou de Antologias e Coletâneas Nacionais e Internacionais. Reside na Rua Prof. Joaquim Felizardo, 142, Bairro Ipanema, Porto Alegre/RS, CEP: 91.770-370.

PAI

Por que foste embora
e me deixaste sozinha?
Por que não voltas e me faz feliz?
Por que és tão inseguro
ao tomar tuas decisões?
A quem temes ferir? Tantos porquês
e uma certeza, a que jamais
irás respondê-los.
Não duvido do teu amor, mas acredito
que tu não tens noção do tamanho
do meu desejo de vê-lo ao meu lado.
Sofro por saber que não te angustias
por me privar de tua presença diária.
Como teriam sido diferentes
as minhas tardes
de domingo e os meus adormeceres,
se tivessem sido ao teu lado?
E quando eu estava doente,
como desejei tê-lo juntinho de mim.
És, para mim, assim como a mãe,
as pessoas mais importantes,
Pai, tu poderias ser mais presente
para mereceres o meu amor.
Não quero os teus bens materiais;
quero algo mais valioso que isto,
teu coração. Amo-te muito!

VALDEVINO NEVES PAIVA. Professor, poeta, acadêmico.

VIVA SÃO SEBASTIÃO

Desperta a praça outrora adormecida,
Exulta um povo onde não há escravos
E, “descendente de fortes e bravos”,
Também desperta pra uma nova vida!

Doze de outubro. Ano vinte e seis.,
Século XX. Primavera em flor.
Em cada seio um palpitar de amor
Sem preconceito, servidão nem reis.

Soam clarins. Rufam tambores. Flores
Enche-se a praça. Entoa a mocidade
Hinos de amor à eterna Liberdade,

Cantos de glória aos emancipadores.

Livre é esta terra! Viva a liberdade!

Viva quem luta, com perene ardor.

”FAZENDO SÃO SEBASTI MELHOR”

Com fé, coragem, paz e honestidade!

SEM SER SAMURAI

Não sou Samurai,
porém sei lutar,
a adaga empunhar
no verso e na prosa,
e em franca batalha
por MARACANGALHA
também sei vencer,
em paz gloriosa.
Não sou Samurai!
Mas por muitos anos
Da história os arcanos
Já fiz desvendar.
Na lira vibrando
Mil versos lavrando,
A prosa entoando
Em belo cantar.
Não sou Samurai
Mas nada atrapalha
De MARACANGALHA

O nome exaltar,
Com classe e com arte,,
E além da fronteira
Bem longe hastear,
Não sou Samurai
Mas sinto que em mim,
Com verve sem fim,
Um gênio trabalha...
Há cinquenta anos
Glórias, desenganos,
Mas sempre lutando
Por MARACANGALHA!

VANESSA MENEZES BURGUEÑO nasceu em 30 de setembro de 1989, em Porto Alegre/RS. Cursa a 1ª série do Ensino Médio, na Escola Conhecer. Em 2003, participou de Coletâneas e Antologias Nacionais e Internacionais. Rua Jacuí, 1085, Bairro Cristal, Porto Alegre/RS, CEP: 90.810-150. E-mail: vanessaburgueno@terra.com.br

A VIDA É...

... uma criança alegre
que corre pelo jardim
radiante e sonhadora;
... uma grandiosa festa
cheia de alegrias
que faz corações
palpitarem e transbordarem;
... lágrimas dolentes
que escorrem em rostos
entristecidos e magoados;
... bons sentimentos
que enobrecem
os seres humanos;
... a natureza,
ficando cada vez mais
fascinante e entusiasta;
... flores coloridas,
nascendo na primavera
e caindo no outono.
... o frio chegando
e anunciando que o inverno
é uma estação caótica para
aqueles que vivem nas ruas.
... o calor do verão
enchendo-nos de emoções,
aventuras e badalações.
Ah! A vida é as felicidades
e as tristezas do nosso dia-a-dia.

ZÍNIA DE ARAÚJO GOÉS. Poetisa, pesquisadora legislativa, fundadora do Memorial Legislativo, fundadora do Coral Legislativo, prêmio 2ª Personalidade CEPA, prêmio Mulher 2000 no Legislativo da Bahia. Sócia fundadora da POEBRAS SALVADOR

MARAVILHOSA ESPERANÇA

ESPERANÇA!
LUZ CONSOLADORA IMPULSIVA
QUE ILUMINA A ALMA
COM O ESPLENDOR
DOS RAIOS DO SOL
COM A DOCE E PRATEADA
LUZ DAS ESTRELAS
QUE BRILHAM
COMO FORÇA MOTRIZ
DO NOSSO "EU"
QUE ACREDITA NOS SONHOS
VONTADES PETRIFICADAS
COM O GOSTO DO ACONTECER
AH! ESPERANÇA!
ÉS FORTE PERANTE O IMPOSSÍVEL
ÉS LINDA, INVENCÍVEL!
ÉS REAL COMPANHEIRA,
MILAGROSA!
QUANDO TE INSTALAS VITORIOSA
NO CORAÇÃO
NO CÉREBRO
NAS VÍSCERAS
DOS QUE SABEM SONHAR!
E, TU, DIVINA ESPERANÇA
MÁGICA E DETERMINADA
ÉS SEMPRE RESPONSÁVEL
SE ALGO DE IMPORTANTE ACONTECEU!...

O PATRONO PERPÉTUO DA CASA

Mais um destaque de Castro Alves para a nossa contracapa.

ÚLTIMA SOMBRA

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,
que te elevas da noite na orvalhada?
Tens a face nas sombras mergulhada...
Sobre as névoas te libras vaporoso...

Baixas do céu num vôo harmonioso!...
Quem és tu, bela e branca desposada?
Da laranjeira em flor a flor nevada
Cerca-te a fronte ó ser misterioso!...

Onde nos vimos nós?... És de outra esfera?
És o ser que eu busquei de sul a norte...
Por quem meu peito em sonhos desespera?

Quem és tu? Quem és tu? – És minha sorte!
És talvez o ideal que esta alma espera!
És a glória talvez! Talvez a morte!
Santa Isabel, agosto de 1870

O PATRONO DE HONRA

Virgílio José de Almeida. Patrono de honra eleito em 1998, ao ser reorganizada a POEBRAS SALVADOR, que estivera desativada por 10 anos. Veio conosco nesse pequenino trabalho de amor e sonho até o seu derradeiro instante, nos 93 de idade. Honra e glória, toda a honra e toda a glória. Saudade dos que ficamos por um tempo mais.

O soneto a seguir, abre o seu único livro individual editado em 1998 sob os auspícios da Secretaria de Cultura e Turismo da Bahia – REFLEXOS DE SAUDADE, com apresentação de João Justiniano da Fonseca..

SAUDADES

Saudade. O vento carinhoso e brando
embalando os arbustos na floresta,
no dendezeiro os cardeais trinando,
céu florido, a natureza em festa!

Ternos olhos azuis lacrimejando
aos acordes melífluos da seresta,
a fonte enfraquecida, segredando
à correnteza última que resta...

Ao afastar-me desta vida... Errante
dos enlevos do sonho bem distante,
em abstrato irei vagar a esmo...

Ao despertar, além, extenuado,
mergulharei nas sombras do passado
e sentirei saudades de mim mesmo.